Liahona

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust

COMITÊ DE SUPERVISÃO
M. Russell Ballard
Rex D. Pinegar
Hugh W. Pinnock

EDITOR
M. Russell Ballard

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE
Larry Hiller, Editor Gerente;
Carol Larsen, Editor Associado;
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DA «A LIAHONA»
Danilo Talanskas, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo C. Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção.

A Liahona
32 · 5 maio 1979

HISTÓRIAS E DESTAQUES:

1 Mensagem da Primeira Presidência: **Escolhei Este Dia**, Marion G. Romney
5 **Introspecção**, George Albert Smith
6 **Casamento Celestial (Parte I)**, Bruce R. McConkie
9 **Nem Mais um Cigarro**, Jan Mussman
11 **Sinais de Alerta da Infidelidade**, Veon G. Smith
16 **Chuvas a Seu Tempo**, David Carl Danielson
18 **Compaixão de um Presidente**, Ferren L. Christensen
29 **O Conserto**, Ronald Kirby
30 **Orador Jovem**, Anya Bateman
34 **Triunfo e Tragédia (1833-39)**, Glen M. Leonard
41 **Estávamos Resolvidos a ir Para Sião**, Jill Mulvay Derr
49 **Preparação e Inspiração**, Paul H. Dunn
19 **Perguntas e Respostas**, Gerald E. Jones

SEÇÃO DAS CRIANÇAS:

21 **Manhã Para Milagre**, Margery S. Cannon e Lurene G. Wilkinson
24 **Aconteceu Mesmo**
26 **Contanto Que Você Seja Feliz**, Kim Lodder
28 **Só Para Divertir**

NOTICIÁRIO:

42 **Cronologia das Estacas da Igreja**
44 **Dois Brasileiros Chamados para Presidentes de Missão**
48 **Portugal Recebe Visita de Élder Faust**

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: *Cr$ 40,00;* para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 4,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados.
Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, R. Abolição, 201, tel. 35-2605. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribebuí, 331, tel. 276 8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, R. São Tomé, 73, Vila Olímpia, SP.

Mensagem da Primeira Presidência

Escolhei Este Dia

Marion G. Romney
Segundo Conselheiro na
Primeira Presidência

Escolhei hoje a quem sirvais... porém eu e minha casa serviremos ao Senhor. (Josué 24:15.)

Minha intenção nesta mensagem é frisar que esta vida é para nós, mortais, um dia de decisões, e de destacar a necessidade que temos de fazer as escolhas certas, e fazê-las agora.

A terra foi criada, e o homem nela colocado para este propósito. Os homens são seres eternos, filhos espirituais de Deus. Nasceram dele no mundo espiritual. Lá habitavam com ele antes da existência da terra. Seu destino é continuar vivendo eternamente após a morte terrena.

Fomos investidos de livre arbítrio por nosso Criador. Durante a mortalidade, vivemos entre forças poderosas — a força do bem e a do mal. Entre estas duas, temos de escolher. Não há escapatória.

"E o Espírito dá a luz a todo o homem que vem ao mundo; e o Espírito alumia todo o homem no mundo que atende a sua voz. (D&C 84: 46-47)

Por outro lado, todo aquele que alcança a idade da responsabilidade, é tentado pelo demônio e seus anjos a segui-los, rejeitando a orientação do Espírito de Cristo.

O conflito iniciou-se no Éden e ainda prossegue.

Logo após a expulsão do Jardim, o evangelho foi pregado a Adão e Eva por seres celestiais, e o Senhor os instruiu a ensinarem seus filhos. Assim fizeram. Satanás apareceu entre eles, dizendo: "... Não creiam, e eles não creram e amaram Satanás mais que a Deus. E, daquele tempo em diante, os homens começaram a ser carnais, sensuais e diabólicos." (Moisés 5:13.)

Este tem sido o padrão por aproximadamente 6.000 anos. Em cada dispensação do evangelho, o homem tem-no rejeitado e, em conseqüência, caído em apostasia, iniqüidade e escuridão. Em cada dispensação, a verdadeira natureza da Deidade — Pai, Filho e Espírito Santo — tem-se revelado novamente. Os princípios fundamentais e as ordenanças foram, também, revelados e salientados. Vem-se frisando a importância de agir de acordo com os princípios do evangelho.

As bênçãos que seguem a obediência ao evangelho têm sido reveladas, e as conseqüências da desobediência foram sempre preditas, predições estas que sempre se realizaram.

A única sociedade em toda a história do mundo que continuou a "atender a voz do Espírito" (D&C 112:22), jamais cedendo às tentações e poder de Satanás, foi o povo de Enoque. Todos foram levados ao céu onde estão por ora, aguardando outra sociedade similar para a qual retornarão e à qual se unirão.

Esta dispensação não terminará como dispensações anteriores terminaram, em apostasia e perda do evangelho; terminará com o segundo advento do Senhor.

Durante os primeiros 16 séculos e meio da história da humanidade, o evangelho foi ensinado ao restante dos habitantes da terra, foram preditas as bênçãos que se seguem à obediência, e anunciada a destruição que resulta da desobediência, por profetas como: Adão, Sete, Enos, Cainã, Maalalel, Jared, Enoque, Matusalém,

Lameque e Noé. Rejeitando estes profetas, preferindo seguir os conselhos de Satanás que lhes dizia: "não creiam" (Moisés 5:13), acabaram chegando a tal ponto de iniqüidade, que veio o dilúvio, do qual ninguém conseguiu sobreviver, a não ser Noé e sua família.

Um exemplo parecido de conseqüências de uma decisão errada demonstra-se nos arquivos da nação jaredita, que habitou a América por cerca dos 2.000 anos seguintes à construção da grande torre de Babel.

Da confusão de línguas na época da torre de Babel, o Senhor guiou uma colônia de pessoas à América. Disse-lhes que Jesus Cristo era o Deus daquela terra e que, se o seguissem, faria deles uma grande nação "e não haverá maior... sobre toda a face da terra." (Éter 1:43.) Assim aconteceu.

Em sua prosperidade, esqueceram-se do Senhor e ignoraram seus ensinamentos. Ao amadurecerem em iniqüidade, foram seguidamente advertidos pelos profetas de que seriam exterminados, se não se arrependessem e servissem ao Senhor. Recusaram-se a isso. Preferiram seguir os prazeres da carne, até que se viram envolvidos em uma guerra fratricida, pela qual foram totalmente varridos da face da terra.

Seus sucessores na América foram os nefitas, descendentes da colônia de Léhi, a quem o Senhor guiou à América cerca de 600 anos A.C. Durante os seis séculos que antecederam ao nascimento de Cristo, os profetas continuamente lhes falavam das bênçãos que receberiam se vivessem os ensinamentos de Cristo, e da destruição que sobreviria em conseqüência de rejeitarem e desobedecerem aos seus ensinamentos. Contudo, cerca de 421 AD, no auge de sua iniqüidade, sofreram o destino dos jareditas.

Por mil anos, todavia, oscilaram entre retidão e perversidade.

Os profetas falaram-lhes sobre o ministério mortal de Cristo na terra de Jerusalém e que, na América, ser-lhes-ia participado o seu nascimento e a sua crucificação e que ele os visitaria após sua ressurreição.

Ainda em 592 A.C., o profeta Néfi comunicou-lhes que, pela época da crucificação de Cristo, haveria "escuridão sobre a face da terra (América)... relâmpagos... trovões e terremotos; muitas cidades se afundarão." (1 Néfi 12:4); e que o Cristo ressuscitado "surgirá no meio deles seguindo à grande destruição." (Ver 1 Néfi 12:6.)

Estas profecias cumpriram-se literalmente, como todas, e no devido tempo do Senhor.

O profeta Amós disse a verdade ao falar: "Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas. (Amós 3:7.)

Ora, os eventos mencionados testificam da verdade desta declaração. Trouxe-os à memória, a fim de que servissem de fundo, para dar sentido ao que vou dizer agora sobre a situação atual e também sublinhar a importância de nossa escolha em seguir a luz de Cristo.

Vivemos na dispensação da plenitude dos tempos, a derradeira dispensação do evangelho antes do milênio.

Ela não terminará como as dispensações anteriores, em apostasia e perda do evangelho; terminará com o segundo advento do Senhor Jesus Cristo e o início de seus mil anos de pacífico reinado, como tem sido profetizado em todas as dispensações, desde o início do mundo.

"O grande milênio virá... Satanás será amarrado." (D&C 43:30-31.)

Jesus revelar-se-á "do céu com poder e grande glória, com todas as hostes e em justiça, habitarei com os homens na terra por mil anos e os iníquos não permanecerão." (D&C 29:11.)

Quando Néfi teve a visão de nossos dias, escreveu:

"... aproxima-se rapidamente o tempo em que Satanás não terá mais poder sobre os corações dos filhos dos homens; pois logo virá o dia em que os orgulhosos e aqueles que praticam iniqüidades serão como restolho; e dia virá em que deverão ser queimados.

"Pois aproxima-se o dia em que a plenitude da ira de Deus será derramada sobre todos os filhos dos homens; porque ele não permitirá que os maus destruam os justos.

"E, portanto, por seu poder, ele preservará os justos, mesmo que tenha de vir a plenitude de sua ira e os justos serão preservados até a destruição dos seus inimigos pelo fogo. Não é preciso pois, que os justos temam; e assim, diz o profeta, eles serão salvos ainda que seja como pelo fogo.

"Eis que vos digo meus irmãos, que estas coisas virão brevemente; sim, haverá sangue, fogo e vapores de fumaça; e é preciso que venham sobre a superfície desta terra, e isto virá sobre os homens, de acordo com a carne, se eles endurecerem seus corações contra o Santo de Israel.

"Pois que os justos não perecerão; pois, certamente, tempo virá em que hão de ser desarraigados todos os que lutarem contra Sião." (1 Néfi 22:15-19.)

Desconhecemos quando chegará o apogeu. Sabemos, contudo, que se aproxima. Não ignoramos que os povos da terra progridem em iniqüidade e que cada um dos Dez Mandamentos é desprezado. Temos visto que Deus é afrontado, que a desonestidade, imoralidade, a quebra do dia do Senhor, e mesmo os assassinatos vêm aumentando.

Ao inaugurar esta última dispensação, o Senhor disse:

"Escutai, ó povo de minha Igreja, diz a voz daquele que habita no alto e cujos olhos estão sobre todos os homens; sim, na verdade vos digo: Escutai, ó povo de terras longínquas, e vós que habitais as ilhas do mar, escutai juntamente...

"Preparai-vos, preparai-vos para o que está por vir, pois o Senhor está perto;

"E a ira do Senhor está acesa, e a sua espada está desembainhada nos céus, e sobre os habitantes da terra cairá.

"E o braço do Senhor se manifestará; e se aproxima o dia em que aqueles que não ouvirem a voz do Senhor, nem a de seus servos, nem atenderem as palavras dos profetas e apóstolos, serão desarraigados dentre os povos.

"Não buscam ao Senhor para estabelecer a sua justiça, mas cada um

segue o seu próprio caminho, segundo a imagem de seu próprio Deus, a qual é à semelhança do mundo, e cuja substância é a de um ídolo, que envelhece e perecerá em Babilônia, mesmo a grande Babilônia que cairá." (D&C 1:1, 12-16.)

O tempo urge. Se quisermos ficar de pé, quando Babilônia cair, temos de escolher agora. Como Amuleque diz:

"Pois eis que esta vida é o tempo para os homens se prepararem para o encontro com Deus; sim, eis que o dia desta vida é o dia para os homens executarem os seus labores. (Alma 34:32.)

"Escolhei este dia." (Moisés 6:33.)

A FAMÍLIA

Família é algo que supera o tempo. Existe desde que o mundo é mundo, desde que há pais e filhos. Também os animais, ou vegetais e até os minerais, assim como as mais infinitesimais formas de vida a possuem. É a essência da vida que gera novas vidas. É a comunhão dos indivíduos no plano da natureza.

A família abrange o mundo, todos os seres viventes e inanimados. Em todos esses planos há por vezes choques e mesmo luta, ódio e maldade: por vezes reina a paz e perfeita comunhão. Tudo isso é necessário para o aprimoramento dos membros de que se compõe a família. Caminhamos para a frente em busca do bem. Nem sempre nos lembramos disso quando no lar as coisas não correm bem. Quando os filhos não nos dão as justas alegrias esperadas, por trilharem caminhos pouco recomendáveis. Não nos lembramos disso quando os negócios não vão bem, impedindo-nos de dar o bem-estar que desejamos. Quando a enfermidade e o mal adentram nossa casa.

Paciência, tolerância, compreensão, desprendimento, amor e sobretudo fé, são condições imprescindíveis para a família bem constituída, em que todos sejam por um e um seja por todos. Cabe a nós, mães, esforçarmo-nos o mais possível para que isto aconteça. Basta querer, confiar e tudo alcançaremos.

Vale a pena tentar, pois isso representa a felicidade. Nada há o que se compare a uma família feliz.

CASAMENTO CELESTIAL

Para que todos estejamos unidos em pensamento e que construamos a mesma base tendo em mente as mesmas verdades eternas, citarei inicialmente três ou quatro curtas passagens das revelações. Oro para que sejamos unos em sentimento e em atitude, quanto a grandes princípios doutrinários e que mantenhamos firme em nossa alma a determinação de fazer tudo o que precise ser feito nesta provação mortal, a fim de herdarmos a plenitude da glória do reino de nosso Pai.

Tomo, como um dos textos, da seção 42, a revelação intitulada: "A Lei da Igreja: "Amarás a tua esposa de todo o coração e a ela te apegarás e a nenhuma outra. (D&C 42:22.) E, no mesmo espírito daquelas palavras, cito o Velho Testamento, do Livro de Ruth, estas expressões que, embora não se refiram ao casamento, contêm um princípio inteiramente aplicável.

"Disse, porém, Rute: Não me instes para que te deixe, e me afaste de ao pé de ti: porque aonde quer que tu fores irei eu, e onde quer que pousares, à noite ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerei eu e aí serei sepultada; me faça assim o Senhor, e outro tanto (aqui farei ligeira mudança) (mesmo) se a morte me separar de ti." (Rute 1 16-17.)

Agora, uma passagem de Doutrina e Convênios, seção 49, que resume a pro-

PARTE I

Élder Bruce R. McConkie
Do Conselho dos Doze

clamação básica em relação ao casamento para nossa dispensação.

"E novamente em verdade vos digo, que todo o que proíbe o casamento não é ordenado de Deus, pois o casamento é ordenado por Deus para os homens.

"Portanto, é legítimo que o homem tenha uma esposa, e os dois serão uma só carne, isto tudo para que a terra cumpra o fim da sua criação;

"E para que se encha com a medida do homem, de acordo com a sua criação já antes da formação do mundo." (D&C 49:15-17.)

Quando nós, como santos dos últimos dias, falamos em casamento, referimo-nos a uma santa ordem celestial — um sistema em que pode advir o maior amor, alegria, paz e ventura conhecidos pela humanidade. Falamos sobre a criação de uma unidade familiar na qual marido e mulher podem continuar nesse relacionamento por toda a eternidade, e onde mãe e filha e pai e filho são ligados por laços que jamais serão cortados. Falamos a respeito de uma unidade mais importante do que a Igreja, mais importante do que qualquer organização existente na terra ou no céu, uma unidade da qual promana a exaltação e a vida eterna; e, quando falamos de vida eterna, referimo-nos à forma como vive Deus, nosso Pai Celestial.

Nesta dispensação final e gloriosa do evangelho, recebemos a mais fundamental de todas as verdades, que diz respeito à natureza e espécie de ser que Deus é. Significa vida eterna, conhecer o Pai e o Filho. (Ver João 17:3.) Não há caminho possível, pelo qual possamos ir, degrau por degrau, passo a passo, à elevada exaltação que buscamos, a menos e até que cheguemos ao conhecimento da natureza e da espécie de ser que Deus é. Assim, ao falarmos sobre a vida eterna, referimo-nos à espécie de vida que Deus, nosso Pai, vive; e quando falamos dele, aludimos a um homem santo, perfeito, exaltado, enobrecido — um indivíduo, uma personalidade, um ser com "um corpo de carne e ossos tão tangível como o do homem." (D&C 130:22.) Estamos falando sobre alguém que é literalmente um pai, que é o Pai dos espíritos de todos os homens. Vocês e eu nascemos como membros de sua família. Vimos a sua face; ouvimos a sua voz; recebemos seus conselhos, tanto pessoalmente quanto através de seus representantes e agentes; conhecemo-lo na preexistência. Presentemente uma cortina foi baixada e não temos a lembrança que então tínhamos, mas estamos procurando fazer as coisas que nos capacitarão a sermos como ele.

Após ter-nos gerado como seus filhos espirituais, ele deu-nos o livre arbítrio, que é o poder e a capacidade para tomarmos decisões; também nos deu leis e permitiu-nos obedecer a elas ou não, e em conseqüência disso, podemos desenvolver e temos desenvolvido talentos, habilidades, aptidões e características de toda sorte. Ele decretou e pôs em vigor um plano de salvação que foi chamado de o evangelho de Deus, significando Deus, nosso Pai Celestial. Esse evangelho consistia de todas as leis, poderes e direitos, todas as experiências, todos os dons e graças necessários para levar-nos, a nós, seus filhos espirituais, do nosso estado de espíritos com pouca inteligência, para o supremo e sublime estado onde seríamos como ele.

O Profeta Joseph Smith conta-nos que o próprio Deus, achando que estava no meio de espíritos e glória, promulgou leis pelas quais pudéssemos avançar e progredir, tornando-nos como ele. Estas leis incluem a criação desta terra, o recebimento de um corpo mortal no qual podemos ser testados num estado probatório e receber experiências impossíveis de alcançar de qualquer outro modo; incluem a oportunidade de se adquirir um relacionamento matrimonial que possui o atributo de ser eterno. Iniciamos este curso na vida pré-mortal. Presentemente nos encontramos aqui, fazendo o exame final por toda a vida que levamos, e que é também o exame de admissão às esferas e reinos vindouros.

O nome de espécie de vida que Deus, nosso Pai Celestial, vive, é vida eterna, que consiste de duas coisas: o prosseguimento da união familiar na eternidade, e

a herança do que as escrituras chamam de plenitude do Pai, ou plenitude da glória do Pai (ver D&C 76:56), significando o poder, a pujança, o domínio e a exaltação que ele mesmo possui. Em nossa condição finita, não temos a capacidade de compreender a força e a onipotência do Pai. Podemos olhar as estrelas no céu, podemos ver todos os mundos e orbes criados em suas respectivas esferas, podemos examinar toda a vida neste planeta com que nos achamos familiarizados, e, desta forma, conseguiremos ter uma noção da inteligência gloriosa, ilimitada, pela qual tudo isto existe — e todo esse conjunto engloba a plenitude da glória do Pai.

Estamos buscando a vida eterna — isto é, foi-nos oferecido o privilégio de progredirmos como filhos de Deus, até nos tornarmos como nosso Pai eterno; e se o conseguirmos, é obrigatório que nos edifiquemos sobre o alicerce do sacrifício expiatório do Senhor Jesus. É requerido de nós que guardemos os mandamentos e semeemos a retidão, a fim de colhermos messe de glória e honra. Se fizermos tudo o que o evangelho demanda de nós, poderemos ter essa espécie de progresso. O evangelho, que é o plano de salvação, é agora chamado o evangelho de Jesus Cristo para honrar aquele que realizou o infinito e eterno sacrifício expiatório e colocou em vigor os termos e condições do plano do Pai.

Deus, nosso Pai, é o criador de todas as coisas, e glorificamos o seu santo nome e cantamos-lhe louvores, porque ele nos criou e também criou todas as coisas nos céus. Ele é o perfeito criador. Jesus Cristo, seu filho, é o Redentor. Ele veio libertar-nos da morte temporal e espiritual trazida ao mundo pela queda de Adão. A libertação da morte temporal dá a cada um de nós a imortalidade... "Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo." (1 Cor. 15:22.)

E toda alma vivente levantar-se-á na ressurreição em imortalidade, será julgada de acordo com as suas obras e designada a um lugar nos reinos que estão preparados. Alguns se erguerão em imortalidade e então para a vida eterna, e vida eterna é o nome da espécie de vida que Deus vive.

Jamais poderemos louvar o suficiente o nome do Senhor Jeová, que é o Senhor Jesus, a fim de honrá-lo como lhe é devido, por tudo o que fez por nós e pelas possibilidades que estão a nossa frente por ter ele tomado sobre si nossos pecados sob condição de arrependimento. A obra de Deus, o Pai, foi a criação, e a obra de Cristo, o Filho, foi a redenção. Nós somos homens, e a nossa obra — edificar sobre o fundamento que Deus, nosso Pai, colocou, e que Cristo, seu Filho, estabeleceu — é fazermos a parte a nós designada, a fim de herdarmos glória, honra e dignidade.

Em termos gerais, isto significa que devemos aceitar a lei e nela crer. Devemos crer em Cristo e viver a sua lei, sermos retos e limpos, ter nossos pecados lavados nas águas do batismo, tornar-nos novas criaturas pelo poder do Espírito Santo e caminhar pelas veredas da verdade e retidão.

Enquanto falamos neste tom, tudo o que dizemos são generalidades; é o fundamento para algo específico e definido em direção ao qual nos voltamos: o casamento eterno.

A obra de Deus, o Pai, foi a criação...
a obra de Cristo, o Filho, foi a redenção...
nossa obra é... aceitar e crer na lei.

NEM MAIS UM CIGARRO

Jan Mussman

Quero apenas dizer àqueles dois bons missionários que nos visitaram em 1964, que nós cremos em sua mensagem; mas eles nos pediam que parássemos de fumar, e a angústia de ficar por uma hora que fosse sem cigarros, colocava o preço da salvação fora de nosso alcance.

Seis maços de cigarros para Bill e três para mim. A incrível soma de nove maços de cigarros por dia ficava entre nós e a aceitação do evangelho! Mas isto foi em 1964. Desde aquele tempo, passo a passo, nosso Pai Celestial tem produzido uma transformação em nossa vida. Fomos batizados em 1975.

Chegamos a deixar o hábito de fumar porque foi preciso. Embora Bill fumasse o dobro, fui eu que me vi atacada de dores no peito tão fortes que não podiam ser ignoradas. Procurei um médico que havia ajudado muitos de meus amigos a largarem de fumar e pedi-lhe que fizesse um plano para mim. Ele achava-se estudando a minha radiografia, quando a enfermeira me introduziu em seu consultório.

"Sra. Mussman", perguntou ele, sem levantar os olhos, "tem algum cigarro aí consigo?"

"Dois maços" retorqui envergonhada.

Ao voltar-se para mim, seu tom de voz era grave: "Por favor, jogue-os nesta cesta de lixo. Como seu médico, devo preveni-la de que seus pulmões não agüentam nem mais um cigarro."

"Mas, doutor", retruquei, "vim para que me desse um plano gradativo..."

"Nenhum cigarro mais — é este o seu plano." A voz profunda tornou-se mais enérgica. "Falo sério! Se você se importa mesmo com o seu marido e seus filhos, não fumará nem mais um cigarro."

Ao girar a chave da ignição do carro e dirigir-me para casa, meus olhos se encheram de lágrimas. Não poderia parar de fumar, eu sabia. Havia já tentado por muitas vezes. Senti-me grata por Bill estar ausente, em viagem de negócios; precisava de tempo para pensar. Uma vez em casa, sentei-me à mesa da cozinha, meditando sobre o dilema, e automaticamente acendi um cigarro. Como se fosse uma "deixa", o telefone tocou. Era Bill ligando de Nova York.

"Jan", disse ele, "liguei para o médico e já sei..." interrompeu-se de chofre, ao ouvir-me exalar a fumaça. "Jan Mussman, você está fumando!" gritou.

"Jan Mussman, você está fumando, você está fumando" imitei-o sarcasticamente. "Você se julga muito esperto, não é, Bill Mussman? Nenhum médico lhe disse que parasse de fumar!"

Houve uma pausa prolongada e então Bill disse: "Estarei em casa amanhã. Nós dois vamos deixar o cigarro de lado e prometer não fumar por vinte e quatro horas."

Prometi e mantive a minha promessa, embora não saiba até hoje como o consegui. Mas recordo-me de como Bill escancarou a porta no dia seguinte e estendeu-me os braços. "Vamos largar o cigarro juntos", falou, "chega de fumo para nós!" Aquele abraço foi uma verdadeira celebração, porém o entusiasmo do momento teve essa exata duração.

As próximas semanas não foram apenas difíceis, mas pavorosas. Movíamo-nos num estupor, de olhar vidrado, as mãos num tremor constante. Estávamos mal-humorados e irritadiços e muitas vezes pensei em desistir. Bill, todavia, sofreu esses dias de semi-coma sem quebrantar-se; ao observá-lo, voltava-me a coragem.

Libertar-nos do hábito prejudicial de fumar, foi um projeto monstruoso e só posso creditar o nosso sucesso ao fato de que "para Deus todas as coisas são pos-

síveis." (Marcos 10:27.) Na verdade, antes de se completarem dois anos, não me atrevia a considerar-nos realmente livres e que havíamos partido as cadeias do fumo.

Isto em si já era um milagre e recompensa suficiente, porém, mais bênçãos estavam para vir. Durante aqueles dois anos, nosso amor e gratidão recíprocos e para com o nosso Pai Celestial tornaram-se um sentimento mais belo do que qualquer outra coisa que houvéramos antes conhecido. Tornamo-nos mais fortes física e espiritualmente, e nossa união tornou-se mais sólida.

Esta salutar unidade de coração foi uma das maiores bênçãos para o nosso casamento, e sentíamo-nos sumamente gratos. Mas, havia mais. Desistindo do cigarro, descobrimos que teríamos de deixar de lado as acompanhantes xícaras de chá e de café, por demais ligadas àquele hábito. Esta libertação, por sua vez, deu-nos forças para sobrepujar o álcool.

Ainda mais preciosas que a satisfação que nos veio destas vitórias sobre a carne, foram, contudo, os dons a nós conferidos através de nossos filhos que por nós haviam orado com devoção. Creio que foi por causa de nossos problemas e suas orações que nossos filhos, Bill e Ann, nunca foram tentados pelo fumo, álcool e drogas. Creio que devido àquelas orações permaneceram junto de seu Pai Celestial. Todavia, por assim procederem, eram diferentes da maioria de seus amigos. Realmente, eram tão diferentes, que eu ficava imaginando onde iriam encontrar amigos e colegas que partilhassem de suas crenças e estilo de vida.

Ao se tornarem mais velhos, minha preocupação com o seu futuro aumentou, e muitas vezes orei pedindo ajuda. Finalmente, em princípios de 1973, passei a maior parte de três dias rogando ao nosso Pai Celestial por uma diretriz, por um sinal. No terceiro dia, a campainha da porta tocou, e dois missionários mórmons achavam-se à nossa porta. Olharam surpresos quando eu, pressurosa, os convidei a entrar.

Esta era a nossa segunda oportunidade de abraçar o evangelho. Desta vez estávamos prontos. Nós quatro fomos batizados em um glorioso dia de maio de 1975.

Após o batismo, mais transformações tiveram início, transformações estas, que todo santo dos últimos dias experimenta ao achegar-se mais ao Pai Celestial. E atualmente, três anos após, não perdemos a oportunidade de dizer o quanto amamos a Igreja, o quanto amamos os nossos chamados e o quanto nos amamos um ao outro como uma unidade familiar eterna.

Jan Mussman, mãe de dois filhos, trabalha na Sociedade de Socorro como professora de refinamento cultural na ala de Burlingame, estaca Califórnia — Pacífico.

INTROSPECÇÃO

Antes de partilharmos do sacramento, nossos corações devem ser puros; nossas mãos precisam estar limpas; devemos despir-nos de toda a hostilidade para com nossos companheiros; necessitamos abrigar no coração o desejo de fazer a vontade de nosso Pai e guardar todos os seus mandamentos.

Se fizermos isto, partilhar do sacramento será uma bênção para nós e renovará nossa força espiritual. — *George Albert Smith*

SINAIS DE ALERTA DA INFIDELIDADE

Veon G. Smith

Falando francamente na conferência geral, pouco antes de sua morte, o Presidente Harold B. Lee conclamou os irmãos da Igreja, a "resolver novamente que haveremos de cumprir a lei da castidade." Referiu-se à torrente de recomendações para cancelamentos de casamentos no templo, e declarou sem rodeios que a maior parte deles deriva de um dos maiores pecados depois do assassínio: o pecado de adultério." (*Ensign,* janeiro de 1974, p. 101.)

O que acontece às esposas que fizeram o casamento no templo, mas quebram os convênios do selamento por adultério, com a angústia e divórcio que o acompanham?

O problema não ocorre numa evolução simples. Infidelidade é um processo sutil. Não começa com o adultério; começa com pensamentos e atitudes. Cada passo em direção ao adultério é pequeno, e cada um é dado facilmente; mas, uma vez que se inicia, é difícil parar.

Conselheiros profissionais aprenderam a reconhecer muitos dos "sinais de alerta" da infidelidade — sinais estes que todo marido e toda esposa deveriam perceber e evitar.

Um homem, a quem chamaremos José, veio para aconselhar-se, pois estava assustado com os seus próprios sentimentos que se inclinavam ao interesse por outras mulheres. Ele e Vilma eram casados no templo e pareciam ter um "bom" casamento, mas, ele sentia-se gradualmente enfastiado. Faltavam-lhe emoções; seu relacionamento não satisfazia, o diálogo era restrito e sem sentido, e Vilma não parecia mais interessada nele. O que principalmente o preocupava, era o fato de perceber que flertava com mulheres em seu escritório e chegou mesmo a beijar uma delas certa vez, por brincadeira. Isto forçou-o a constatar que punha em risco iminente os seus convênios feitos no templo.

José sofria de três "mitos" que freqüentemente assombram os casamentos modernos. O primeiro mito reza: "Se eu

me casar no templo, o casamento cuidará de si próprio." Mas não será assim. O casamento é uma dinâmica interação entre duas pessoas que estão crescendo, mudando e requer um constante enfoque na qualidade da interação, se é que deve ser unido e significativo. O casamento no templo não garante automaticamente um casamento celestial ou, mesmo agradável.

O segundo mito afirma: "Se o casamento não for um sucesso, deveria ser começado de novo." Mas sucesso não é uma aquisição instantânea. Por definição, casamento é um processo contínuo e não um estado final. Conseqüentemente, terá mais sucesso em alguns pontos do que em outros. Muitas pessoas querem ou esperam sucesso imediato em todos os sentidos do casamento; se algum dos aspectos parecer menos do que perfeito, a gente se desespera e pensa: "Casei com a pessoa errada." Esta atitude freqüentemente faz com que a atenção se volte para outrem que não o companheiro no casamento.

O terceiro mito diz: "Amar o meu cônjuge não evita a possibilidade de me envolver com "outro alguém." O dever de toda a pessoa casada é manter a lealdade e a franqueza para com um único homem ou mulher: o cônjuge. É impróprio sentir ou expressar a outrem os mesmos sentimentos de amor que se expressam ao cônjuge.

Muitas situações no trabalho, na sociedade e nas reuniões da Igreja aproximam homens e mulheres. Em cada uma destas ocasiões, podem surgir envolvimentos emocionais com outras pessoas. Todo homem e mulher deve estar cônscio de seus compromissos conjugais e empenhado em manter a fidelidade no casamento.

A fidelidade, assim como a infidelidade, é um processo. A fidelidade é uma qualidade positiva, medida pelo grau de lealdade, dedicação e compromisso entre os cônjuges. A infidelidade é uma qualidade negativa, resultante da insuficiência de sentimentos de lealdade e dedicação. Toda a ação que acalenta relações impróprias para com outra pessoa destroi a fidelidade.

Duas almas unidas no matrimônio poderão alcançar união espiritual e temporal, se aumentarem constantemente a sua amizade, amor e lealdade, expressando verbalmente seus sentimentos, mantendo respeito mútuo e demonstrando atenção recíproca.

Temos aqui dois exemplos de como a fidelidade pode ser destruída por falta de cuidado e por desapontamento:

1. O casamento de Marta e Alberto era basicamente normal. Todos os dias, Marta ia ao trabalho com um bom amigo, Henrique. Gostavam de conversar; Marta, principalmente, apreciava a oportunidade

de trocar idéias, pois Alberto, homem muito calado, não compartilhava prontamente os seus pensamentos e sentimentos com a família. Gradualmente, Marta e Henrique começaram a fazer percursos mais longos de volta a casa, chegando mesmo a parar no acostamento para conversarem. Não havia envolvimento físico entre eles, mas quando Alberto soube do caso, suspeitou que Marta lhe estivesse sendo infiel. Levou meses para remediar o estrago. Este sofrimento poderia ter sido evitado se os dois tivessem encontrado uma terceira pessoa para ir com eles ida e volta do trabalho ou se tivessem mudado o seu meio de transporte.

Qualquer mal-estar para com uma situação deveria ser levado a sério, mesmo que "nada estivesse acontecendo." A sutil mudança de fidelidade conjugal para infidelidade é como o sombrear gradual da luz diurna para a escuridão. O crescente prazer que Marta e Henrique sentiam na companhia um do outro, era destrutivo para o casamento de ambos.

2. Depois que Alice e Maurício se casaram, ele continuava a permanecer longas horas com os seus amigos solteiros, jogando golfe, caçando e falando de negócios. Alice, preocupada em não refrear Maurício para não parecer possessiva, silenciou sobre o seu desapontamento por ser deixada sozinha em casa. Maurício começou a compartilhar seus sucessos e experiências, com seus amigos e não com Alice.

Este foi o primeiro sinal de perigo — falta de comunicação. Então Alice, como Maurício, voltou-se para outra pessoa: um gentil vizinho, cujo interesse Alice achou confortador. Sua amizade em breve se tornou séria.

Alice e Maurício passaram por um período difícil, na tentativa de resolver o problema. Foi-lhes necessário reavaliarem suas metas, arrependerem-se e obter perdão para ambos. Os dois eram culpados por procurarem fora do casamento pessoas que preenchessem suas necessidades emocionais. Ninguém deve esperar que o seu cônjuge vá satisfazer todas as suas necessidades emocionais, mas um casamento não pode sobreviver numa atmosfera emocionalmente estéril.

Manifestações comuns de infidelidade física incluem falta de confiança, suspeita acerca de ausências inexplicadas, insegurança e incerteza que podem conduzir a uma violenta possessividade, confusão a respeito de si mesmo, culpabilidade intensa em relação a convênios não mantidos, e um caos emocional que deixam a pessoa incapaz de tratar dos negócios, das crianças e cumprir com suas responsabilidades normais.

As crianças, principalmente, sofrem com a infidelidade dos pais. Todas elas são sensíveis à espécie de relacionamento entre seus pais; tentativas de esconder sentimentos verdadeiros dificilmente têm efeito. Se a criança tem mais de dez anos, provavelmente pressentirá que algo está errado, entrará em pânico, sentir-se-á responsável, ou desenvolverá problemas emocionais pela ausência de sentimentos positivos em casa. Mesmo crianças em idade pré-escolar pressentem a falta de amor entre os pais e tornam-se inseguras a seu próprio respeito e quanto à sua posição em casa. Cada grau de infidelidade ricocheteia contra a criança e afeta os seus sentimentos no que diz respeito a si própria, a seus pais, e aos assuntos gerais do amor e do casamento. A infidelidade dos pais pode realmente afetar a atuação da criança como companheiro no casamento anos mais tarde.

Como a maior parte das doenças, a infidelidade é mais fácil de se prevenir do que remediar, e o melhor preventivo é esforçar-se para obter um bom casamento. O casamento no templo, realizado com um firme empenho de torná-lo um relacionamento eterno, é uma base sólida. Inteira entrega de si próprio, não apenas ao próprio cônjuge, mas a toda instituição do casamento como foi ordenado divinamente, acentua a necessidade de dedicação — não apenas à outra pessoa, mas também ao nosso Pai Celestial.

Confiança recíproca é o ingrediente essencial ao casamento. O empenho de

"apegar-se" ao companheiro e "abandonar todos os outros" fornece estabilidade.

Outros fatores que alimentam a fidelidade incluem franqueza de comunicação — estar pessoalmente pronto a discutir qualquer assunto que diga respeito a você ou ao seu companheiro. Compartilhar idéias e experiências diárias produz intimidade emocional, e tais sentimentos tornam a lealdade um comportamento natural. Sentimentos de insatisfação, tédio e irritabilidade são sinais de perigo que precisam de atenção imediata.

As cinco perguntas seguintes podem ser usadas como guia para testar a sua fidelidade conjugal. Se você responder — não — a qualquer destas perguntas, é sinal que o seu casamento precisa ser avaliado, e de que é necessário discutir com o seu cônjuge os meios de melhorá-lo.

1. Você e seu cônjuge podem conversar sobre todas as experiências que são importantes a qualquer um ou a ambos?

2. Você comunica ao seu companheiro os seus sentimentos íntimos ou o que sente a respeito dele ou dela? Você pode dizer com franqueza, "sinto-me só", ou expressar facilmente outras emoções negativas, quando necessário?

3. Vocês se sentem, ambos, à vontade por serem diferentes em certos pontos, e podem exprimir-se individualmente sem provocar conflitos? Têm meios de discutir conflitos de interesse ou valor, sem se agredirem ou magoarem mutuamente?

4. Vocês compartilham de confiança e respeito mútuos? Procuram a opinião um do outro nas decisões? Você acredita que seu cônjuge lhe diria a verdade, mesmo que fosse desagradável?

5. Vocês podem livremente partilhar de sentimentos, pensamentos, e experiências, sem a preocupação de serem controlados de maneira injusta e sem terem a impressão de que o outro esteja tirando vantagem às suas custas?

As cinco questões seguintes podem igualmente ser usadas como guia para testar o funcionamento afetivo de seu casamento. Se você responder — sim — a qualquer pergunta, discuta o assunto com o seu companheiro, converse com o bispo ou um conselheiro profissional, se achar necessário.

1. Você está-se entediando com o seu casamento? Às vezes você se desgosta da companhia de seu cônjuge?

2. Você freqüentemente discorda em muitos aspectos importantes de seu casamento, sua família, ou de um e outro? Você se queixa a terceiros do seu cônjuge ou o critica na presença de outros?

3. Você tem freqüentemente sentimentos negativos para com o seu cônjuge, ou a sensação de ser mal compreendido, negligenciado ou não apreciado?

4. Você se acha com freqüência a sós com um homem ou mulher que não seja o seu cônjuge?

5. Você desenvolveu sentimentos profundos de afeição para com alguém fora do seu casamento?

A combinação de sentimentos negativos para com o seu cônjuge e sentimentos românticos para com outrem, é um grave sinal de fidelidade agonizante. Providências imediatas devem ser tomadas.

Um bom meio de preservar a fidelidade, seria uma discussão franca com o seu cônjuge sobre a qualidade atual de seu casamento. A maior parte das pessoas não se sente magoada por um desejo expresso, franco e sincero, de melhorar o casamento; isto abre perspectivas a ambos os companheiros para considerarem abertamente outros modos de conseguir uma comunicação mais efetiva, a necessidade de permanecerem mais tempo juntos, e assim por diante.

Se este esforço não ajudar a conseguir um novo rumo para o seu casamento, entreviste-se com o seu bispo. Ele pode ajudar na pesquisa do que está errado e o que precisa ser feito para reparar a situação.

Nosso Pai Celestial espera que progridamos em nosso casamento durante a mortalidade. Portanto, não é uma decisão sensata deixar para depois o esforço de aperfeiçoar nosso casamento, supondo que a próxima vida irá reparar automaticamente os seus danos. Teremos novos planos e novas metas então, e é bem duvidoso que meramente tolerar um casamento insatisfeito nesta vida, suscite nossa disposição espiritual para a vida vindoura.

O mandamento à nossa geração é: "Não furtarás, nem cometerás adultério, nem matarás, nem farás coisa alguma semelhante." (D&C 59:6.) Infidelidade e fidelidade são processos exclusivos. À medida que a fidelidade, lealdade, confiança e participação aumentam, permanece pouco espaço para desenvolver-se a infidelidade. A principal atuação no processo da fidelidade é a entrega pessoal — entregar-se ao cônjuge, ao casamento como instituição e como relacionamento pessoal, aos ideais e padrões do evangelho, e a uma eternidade de mútuo desenvolvimento dinâmico.

"Tudo precisa de prática, labor, cuidados, e o casamento não é exceção. Não pode ser tratado com indiferença ou do qual deva abusar-se, ou algo que simplesmente cuide de si próprio. Nada negligenciado há de permanecer como foi ou é, ou deixará de deteriorar-se. Tudo requer atenção, cuidados e afeto e isso se aplica de modo especial a este, que é o mais sensível de todos os relacionamentos da vida." (Richard L. Evans, em Richard L. Evans' Quote Book, Salt Lake City, 1971, p. 16.)

Veon G. Smith é professor de assistência social e diretor do Marriage and Family Counseling Bureau, Universidade de Utah.

O SORRISO

Sorria e contamine as pessoas com a sua alegria.

Substitua os pensamentos negativos por positivos. Evite os pensamentos de temor e aborrecimentos por antecipação.

Aprenda a rir, prazerosamente.

O riso transmite alívio das tensões.

O riso genuíno transmite alegria e une as pessoas.

Chuvas a Seu Tempo

David Carl Danielson

Minhas lembranças de cada ano de minha idade encontram-se relacionadas com seus acontecimentos: o ano em que me casei, o ano em que meu pai faleceu, o ano da construção do celeiro da fazenda... Para mim, 1977 é o ano do milagre.

Sou fazendeiro no Vale Cache, em Utah. Vivemos ou morremos de acordo com o tempo, e 1977 foi o ano da seca. Iniciou-se no outono de 1976, quando não caiu a neve da estação. Um outono seco é um acontecimento raro em nosso vale alto nas montanhas, e tiramos proveito disso para arar, consertar as cercas, nivelar vários campos e mesmo catar rochas.

Nos fins de janeiro, continuávamos sem neve e mesmo as montanhas estavam nuas e cinzentas. Fazia tanto frio, que a única leve nevada que tivemos continuava no solo; sabíamos que estávamos em apuros.

Durante o mês, o presidente de estaca da região de Logan encontrou-se com o irmão M. A. Kjar, nosso representante regional. Foi autorizado um jejum especial. No domingo, 23 de janeiro, os membros da estaca de Hyrum Utah reuniram-se pela primeira vez em seu novo prédio; o irmão Kjar delineou os planos para o jejum; nosso presidente de estaca, Garth Lee, anunciou que o jejum começaria no dia 26 de janeiro, às seis da tarde e que no dia 27, realizaríamos um culto de oração.

Esse foi o princípio do milagre. Jejuamos de boa vontade. Mais de 50 por cento da estaca reuniu-se para a reunião de oração — gente idosa, homens e mulheres com as suas crianças, adolescentes, e estudantes universitários. Cantamos. O presidente Garth Lee dirigiu a congregação nas orações, rogando ao Senhor que nos mandasse a necessária umidade no devido tempo. Foi edificante. Eu estava confiante de que o Senhor ouviria as nossas preces.

A umidade não veio naquela noite, nem nas próximas semanas. Fevereiro foi

quente, derretendo-se o que restara da pouca neve. Tentei lavrar o solo arado, mas este não passava de torrões duros. Obviamente, a resposta do Senhor era: "ainda não", mas em nossa impaciência, achávamos às vezes difícil ouvi-lo.

Em meados de fevereiro, o governador declarou Utah em estado de calamidade. Toda a economia estava em crise. Muitos acampamentos de inverno não abriram; outros funcionavam com a capacidade limitada. As lojas de pneus colocavam em exposição os pneus de neve numa irônica venda que não acontecia. As comunidades instavam que os cidadãos economizassem água. Então os céticos começaram a caçoar daqueles que confiavam em Deus; um cético chegou mesmo a escrever ao jornal local, perguntando se não sabíamos que era a natureza, e não Deus, que controlava o tempo.

O que os céticos não sabiam era que as orações e os jejuns continuavam. Repetidas vezes lembrei-me da promessa: "Se andardes nos meus estatutos, e guardardes os meus mandamentos, e os fizerdes, então eu vos darei as vossas chuvas a seu tempo, e a terra dará a sua novidade, e a árvore do campo dará o seu fruto." (Levítico 26:3-4.)

Em março, nossa fé renovou-se. Tivemos boas nevadas — "normais" para o mês. A última semana foi tépida e clara; o solo secava rapidamente; o arado transformou os torrões anteriormente duros em boas sementeiras. Nos dias 21 e 22 de março, plantei 18 hectares e meio de cevada; uma semana mais tarde, terminamos o plantio de cereais da fazenda do bem-estar.

Mas a provação começara de novo. Abril passou-se, praticamente seco. Realizou-se a conferência trimestral da estaca, e o Presidente Garth Lee despediu-nos com a afirmação: "Plantem a sua safra; o Senhor ouviu as nossas preces."

A esta altura, a represa de Porcupine, nossa principal fonte de água mal se achava pela metade; as pequenas correntes da montanha já se haviam extinguido. A umidade de março penetrara apenas 15 a 20 cm; os peritos prediziam uma perda total das colheitas do terreno seco e menos de 50% de safra em áreas irrigadas. As juntas locais de irrigação elaboraram planos para o racionamento da água no verão. Continuávamos orando nas reuniões públicas e em segredo.

A 5 de maio, começou a resposta. Ninguém poderia duvidar. Parecia que o Senhor esperou que o teste de nossa fé estivesse completo e então o aceitou plenamente. Dia após dia caiu chuva sobre a nossa colheita. Maio tornou-se o mês mais úmido de que já se teve conhecimento na história do nosso vale, e colhemos a melhor safra de alfafa jamais vista.

Oficialmente, o ano é descrito como dos mais secos. Estatisticamente, era mesmo. Mas aquela chuva caiu da mesma forma que o maná para os antigos israelitas — exatamente o bastante para cada dia, com nenhuma sobra. Assim que cada safra de alfafa amadurecia, ponderávamos se haveria umidade suficiente para outra. Cada colheita esteve em nível médio ou melhor.

Quando a estação do sinal chegou ao fim, nossos celeiros estavam repletos e transbordantes. A fazenda do bem-estar da estaca teve o seu melhor ano. E assim aconteceu comigo. Os silos e celeiros estavam cheios, e transbordante o meu coração.

Nossa estaca reuniu-se de novo a 22 de setembro, atendendo ao chamado de nosso presidente de estaca, desta vez a fim de expressar apreço e gratidão ao Senhor por sua misericórdia. Mais uma vez, aproximadamente, 50% da estaca reuniu-se para partilhar da oração de graças. Deixei a reunião cheio de paz. A provação fortificara minha fé e o meu testemunho. Jamais duvidaria de novo dos milagres. Compreendi profundamente o sentido de uma escritura familiar: "E em nada ofende o homem a Deus, ou contra ninguém está acesa a sua ira, a não ser contra os que não confessam a sua mão em todas as coisas, e não obedecem aos seus mandamentos." (D&C 59:21.)

Ao guiar de volta para casa, de repente constatei que a chuva caía no pára-brisa.

Nenhum artista jamais fez justiça ao halo de encarnado brilhante do pôr-do-sol atrás das Ilhas Catalinas, na Califórnia. No inverno, a costa estremece à batida trovejante de cada onda furiosa arrebentando-se contra a praia, e vagas de capuzes brancos dançam e desaparecem num cenário de frenesi hibernal.

Mas, quando o tempo é calmo e suave, o oceano muda de cor para combinar com o céu, em graduações impressionantes de azul-violeta, turquesa e verde-esmeralda. Pássaros estranhos pairam no ar aparentemente imóveis, balouçando à brisa frontal; pelicanos atiram-se na crista espumante, à procura de alimento; baleias cinzentas movem suas caudas ou espirram esguichos de água; delfins brincam de pegador como crianças; e focas ladram para o vento.

A paisagem é vibrante e viva. Um dia não se assemelha a outro.

Era uma cena muito querida e apreciada do Presidente David O. McKay e sua esposa, sempre que tinham uma oportunidade de repousar durante as suas visitas ao sul da Califórnia. Muitas vezes, quedavam-se sentados por horas a fio, dando-se as mãos, enlevados pelo panorama sempre mudando.

Certa ocasião de que me lembro, ao visitar o Presidente e sua esposa, observamos um gigantesco leão-marinho lutando na água, movendo-se lentamente acima da linha da maré. Conseguimos ver os seus flancos elevando-se enquanto aspirava penosamente o ar e, finalmente, veio derrear-se exausto na praia.

O presidente McKay interessou-se imediatamente pelo acontecimento e contou-me que este grande animal esteve envolvido em luta feroz para proteger a sua companheira dos assaltos das focas piratas. Depois de uma luta bem sucedida contra os atacantes, o leão-marinho procurou refúgio na enseada para cuidar de seus ferimentos e, possivelmente, morrer em paz.

Compaixão de Um Presidente

Ferren L. Christensen

Eu escutava abismado, em silêncio. Como é que o Presidente McKay sabia de tudo isto? Ele parecia tão certo e seguro em suas descrições.

À sua sugestão, caminhamos até o local da colina de onde se descortina o oceano, a fim de olharmos mais de perto. O que o Presidente McKay contara a respeito da suposta luta, parecia verdadeiro; o animal sangrava profusamente de ferimentos em suas costas e flancos. Além da respiração penosa, não se movia, nem piscava.

Impaciente com essa inanição, apanhei uma pedra grande para atirar no bicho, com a intenção de fazê-lo retirar-se para a água e ir embora. Quando meus músculos se retesaram, senti a mão do Presidente McKay refreando-me o braço. Não proferiu uma palavra, mas o seu toque era poderoso, exortação silente para ser gentil com as criaturas de Deus.

Continuamos nosso caminho costa abaixo até a praia e socorremos o animal. Jamais me esquecerei das palavra suaves e do toque brando do Presidente McKay enquanto parecia acalmar o sofrimento e dor daquele leão-marinho.

Ele não temia o animal, que parecia sentir a verdadeira estima do Presidente McKay. Quando parou de sangrar e se achou suficientemente descansado, deslizou de novo para a água, voltando para reunir-se à sua companheira.

Ao refletir sobre a compaixão do Presidente McKay, seu amor à beleza e sua sensibilidade para com toda a criatura vivente, recordei-me da escritura que diz: "E eu, Deus, criei as grandes baleias e toda criatura que se move, que as águas produziram em abundância, segundo sua espécie; e toda ave alada segundo sua espécie; e eu, Deus, vi que todas as coisas que eu havia criado eram boas." (Moisés 2:21.)

Neste dia memorável, tal qual jóia incrustada, aprendi uma lição de um profeta de Deus: o homem tem o domínio sobre "toda a terra" (ver Moisés 2:26); exerçamo-lo com bondade e amor.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral do evangelho respondidas para orientação, não como pronunciamento oficial da Igreja.

Onde se enquadram os animais no plano eterno das coisas?

Gerald E. Jones, diretor do Instituto de Religião de Berkeley, Califórnia:

"A natureza ajuda-nos a ver e a compreender a Deus. Devemos dedicação e profundo respeito a todas as suas criações. Assim consta do editorial da Superintendência Geral da União da Escola Dominical Deseret, do Presidente Joseph F. Smith, e os Élderes David O. McKay e Stephen L. Richards, membros do Conselho dos Doze, da revista *Juvenile Instructor,* de abril de 1918. Reconhecendo que o "amor à natureza está a par com o amor a Deus", relembram aos membros da Igreja que "o homem aprende mais facilmente em meio a um relacionamento simpático com todo tipo de vida, que enclausurando o interesse humano."

Muitas famílias notam a importância de animais de estimação e do amor e participação que deles advêm entre seus filhos. Cuidar de animais de estimação pode também desenvolver o senso de responsabilidade.

A dedicação dos animais pelas famílias pode ser tanto sugestiva quanto prática. Um noticiário recente relatou-nos a coragem de um cachorro que salvou a vida de uma menininha, quebrando a janela de um carro que havia pegado fogo, e arrastando-a para fora.

Incontáveis perguntas foram feitas concernentes ao lugar que os animais ocupam no plano do evangelho:

Os animais têm espírito e ressuscitam?

Sim. O Profeta Joseph Smith recebeu uma informação a respeito do estado eterno dos animais. Respostas às perguntas por ele formuladas encontram-se em Doutrina e Convênios, seção 77. Falou igualmente sobre a ressurreição de animais num sermão, mas não se alongou sobre o assunto. (History of the Church 5:343.)

Que grau de glória atingem os animais?

As escrituras falam apenas de animais que se acham no reino celestial. Se eles vão a outro reino, são conjeturas. O Élder Joseph Fielding Smith disse, certa vez, que a distribuição dos animais em três graus de glória é muito provável. (Improvement Era, jan. 1958, pp. 16-17.) Que eu saiba, nenhum outro profeta publicou algo sobre o assunto.

Os animais são julgados e ressuscitados de acordo com a sua obediência às leis?

De acordo com o Élder Joseph Fielding Smith, os animais não têm consciência. Não podem pecar e nem arrepender-se, pois não têm noção do certo e do errado. ("Man: the origin and destiny", Deseret Book Co., 1954, pp. 204-205.)

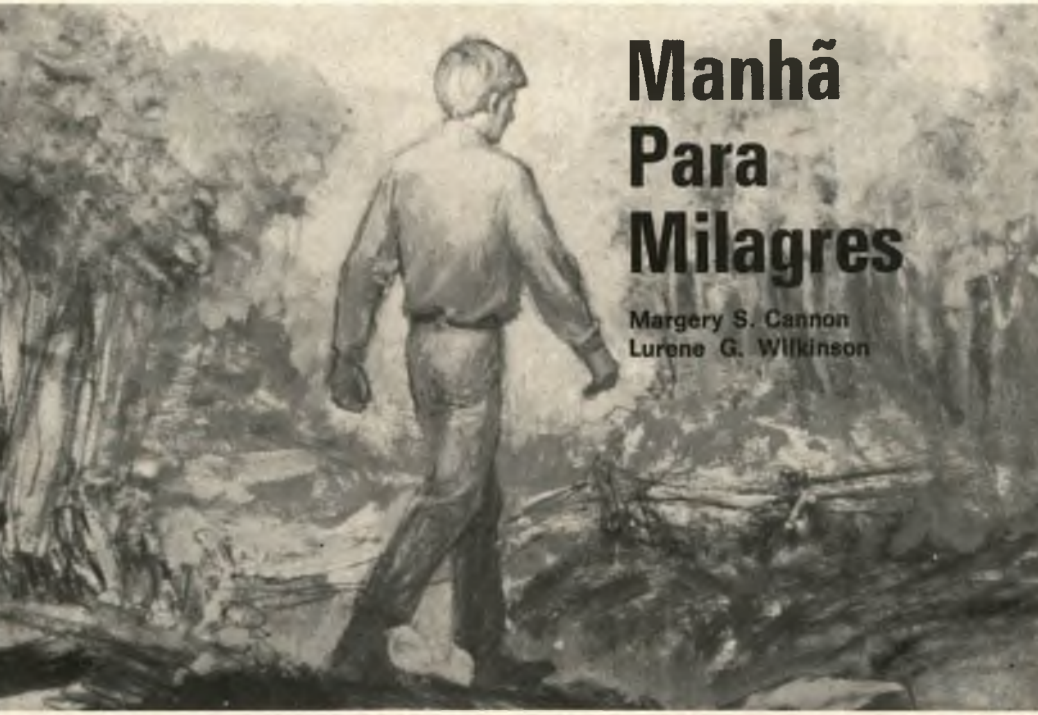
Os animais poderão estar com os seus donos no além?

Não há resposta ou revelação a respeito. O bom senso nos indicará que um fazendeiro não iria querer todo o gado que possuía em vida. Por outro lado, laços afetivos podem ser propiciados, e animais de estimação devolvidos a seus donos na ressurreição. O Élder Orson F. Whitney escreveu que Joseph Smith esperava ter o seu cavalo favorito na eternidade. (Improvement Era, agosto 1927, p. 855.)

O que vem a ser o relacionamento entre o homem e os animais?

Os homens são filhos de Deus. Os animais existem em benefício do homem. Isto, contudo, não significa que o homem não deva ter consideração por esta parte de sua mordomia. Os profetas de todos os tempos indicaram que o homem será responsável pela sua conduta para com os animais, e justiça e misericórdia devem ser exercidas para com eles. Alma nos incentiva a orarmos por nosso rebanho. (Alma 34:20-25.) Há incontáveis exemplos na história da Igreja sobre animais, aos quais foi ministrada a unção com resultados de cura. O caso mais conhecido é o de Mary Fielding Smith, cujos melhores bois foram poupados para trazerem a Utah sua família pioneira, incluindo o futuro presidente da Igreja, Joseph Fielding Smith. (Preston Nibley, *Presidentes da Igreja*, pp. 165-167.)

Embora os profetas tenham falado freqüentemente sobre a responsabilidade de tratar bem os animais neste mundo, pouquíssimos detalhes são conhecidos sobre o seu estado na eternidade. Maior ênfase é dada à necessidade do homem viver o evangelho, a fim de se tornar merecedor de retornar ao seu Pai Celestial, onde saberá todas as respostas a tais perguntas. Citando novamente do editorial mencionado no início deste artigo: "Não podemos honrar ao Criador, se olharmos com descuidada indiferença para a sua criação. O amor a todo tipo de vida, ajuda o homem a alegrar-se numa vida melhor. Exalta a natureza espiritual daqueles que precisam do favor divino." (*Juvenile Instructor*, abril 1918, p. 182.)



Manhã Para Milagres

Margery S. Cannon
Lurene G. Wilkinson

O jovem Joseph Smith estava ansioso ao entrar numa área arborizada não longe de sua casa. O ar, em início de primavera, era até mais friozinho entre as árvores, mas Joseph parecia nem percebê-lo. Após muita luta interior, tomou uma resolução. Sabia o que deveria fazer. Ali iria ler o primeiro capítulo de Tiago: "E, se algum de vós tem falta de sabedoria... peça-a a Deus... e ser-lhe-á dada." (Tiago 1:5.)

O pensamento o apressou, pois estava ansioso por chegar ao local que havia imaginado.

Lá chegando, pôs-se a escutar e olhar em volta. Queria estar só, quando falasse com o seu Pai Celestial. O sol nascente iluminava as copas das árvores e se filtrava através delas, pintando pequenos rastros luminosos no chão coberto de folhas. A primavera cantava à sua volta até alguns minutos antes, mas nesta parte especial do bosque, tudo ficou repentinamente silencioso, mesmo o canto dos pássaros. Foi assim naquela manhã, no começo da primavera de 1820, quando Joseph Smith, de quatorze anos, se ajoelhou no bosque para orar.

Mal havia começado a orar e uma escuridão espessa e opressiva o envolveu. Tirou-lhe o fôlego. Foi assal-

tado pelo medo, enquanto lutava para continuar sua prece. Então, dentro das trevas, alguma coisa ruim parecia puxá-lo e amarrá-lo com tanta força, que nem podia falar. Joseph baixou a cabeça até o chão e envolveu o seu corpo trêmulo firmemente com os braços. Pensou que estivesse condenado a perecer.

Juntando todas as forças para tirar de si o mal que o afligia, Joseph tentou orar de novo. Clamou a seu Pai Celestial, implorando-lhe ajuda.

Repentinamente, começou a clarear e de súbito, a força maligna se foi. Olhando para cima, Joseph viu uma luz brilhante, maravilhosa, mais brilhante mesmo que o sol. O brilho era tal, que colocou as mãos em concha na fronte, para fazer sombra aos olhos. A coluna de luz descia gradualmente do céu, dourando tudo o que tocava. A princípio, Joseph pensou que, com toda a certeza, iria queimar os galhos das árvores, mas não o fez. E, quando a luz pousou sobre ele, o seu calor encheu-o de uma sensação de indizível alegria.

Olhando para cima, Joseph viu dois seres em pé, acima dele, na coluna de luz. Sabia que tinham de ser seres celestiais.

Um deles chamou Joseph pelo nome e apontando o outro, disse-lhe: "Este é o meu Filho Amado, ouve-o!"

Com profundo sentimento de admiração, Joseph deu-se conta de que o Pai Celestial estava realmente lá em pé, diante dele, com o seu filho Jesus Cristo a seu lado. Joseph achava-se tão emocionado, que nem podia falar. Seu esplendor e majestade envolviam-no com tanta reverência e respeito, que não lhe vinham palavras.

Ao olhar a cena diante de si, ficou abismado de ver que os homens da terra foram criados à imagem do Pai Celeste. Deus não era uma Força como a eletricidade ou o magnetismo tal qual muitos pregadores afirmaram. Falou a Joseph como um homem falaria. E Joseph soube que Deus se preocupava com os seus filhos na terra, pois lá estava ele, com toda a glória, em resposta a sua prece.

Em sua mente, Joseph formulou a pergunta desejada: "Qual, de todas as seitas (igrejas) é a certa, e à qual deveria unir-se?

Sua pergunta como que explodiu. Foi Jesus quem respondeu. Disse ao menino que não se unisse a nenhuma igreja, pois todas eram erradas.

Contou-lhe outras coisas mais. Joseph não sabia por quanto tempo falara com o Salvador, tão despercebido estava das horas. Mas, quando a coluna de luz começou a empalidecer, os seres celestiais partiram.

Aí, Joseph percebeu que estava deitado de costas olhando para o céu. Não teve força nenhuma por algum tempo, e assim, deixou-se ficar saboreando a pacífica alegria que esperava nunca mais deixá-lo. Joseph olhou o emaranhado dos galhos acima dele, para as folhas, e o sol brilhante. Ainda empolgado com a experiência que lhe prendera o fôlego, Joseph sentiu-se também luminoso. Não estava certo de haver entendido tudo o que lhe acontecera naquela manhã. Iria guardar o acontecimento como um tesouro em seu coração e sentia que jamais seria o mesmo depois disso.

Finalmente, Joseph levantou-se e pôs-se a cruzar a campina. A experiência no bosque fora tão emocionante, que ainda se achava fisicamente fraco. Mas o seu espírito

voava tão alto como a revoada de pombos que subitamente cruzava o céu acima dele. Deveria haver milhares naquela nuvem de aves a bater as asas ruflantes. Era sua migração de primavera. Estavam de volta em busca de grãos, nozes de faia e brotos verdes. Esta era a época do ano que sua mãe chamava de: "carência de seis semanas", quando as criaturas estavam famintas por nutrição. Alguns de sua família se achavam fora, em busca de vegetais para a refeição. Todas as verduras e maçãs já tinham sido consumidas e havia ainda pouco crescimento por enquanto.

Os pombos famintos voaram acima dele e pousaram nos topos das árvores, atrás de Joseph. Um desejo profundo, bem parecido com a fome, levara-o ao bosque também, cedo naquela manhã. Contudo, a sua fome era pela verdade.

Mas jamais sonhara, e muito menos esperara que uma resposta à oração lhe viesse como veio.

Lá de pé, diante dele, numa rutilante coluna de luz, estiveram o Pai Celeste e Jesus, e ele falara com ambos.

Mal podia crer que houvesse acontecido a ele, um menino de fazenda, de quatorze anos! Fechou os olhos e respirou fundo, emocionando-se novamente com a maravilha do acontecido. Um sentimento de amor e paz cresceu dentro dele ao recordar novamente aqueles dois seres celestiais que vira naquela manhã. Joseph maravilhou-se com o pensamento de que nem mesmo o profundo amor que nutria por seus pais poderia igualar-se ao amor que sentira por seu Pai nos céus e Jesus, e o amor que tinham por ele. Isto era tão intenso, que pensou que iria arrebentar.

Ao chegar a casa, Joseph entrou e encostou-se na grande lareira aberta. "Filho, o que há?" perguntou-lhe a mãe, segurando-o pelo braço e virando-o para si: "Você está doente?"

"Estou bastante bem, mãe..." Hesitou... Como contar a alguém, mesmo a sua mãe, sobre a experiência que teve esta manhã no bosque? Cismava ele. Como palavras poderiam descrever a glória do Pai Celestial e do Salvador, as verdades que contaram e o amor e alegria que lhe enchiam o coração até transbordar?

Contou simplesmente: "Disseram-me que nenhuma das religiões é verdadeira."

Reforce a imagem positiva de si mesmo, renovando-se pelos pensamentos construtivos. Dê maior crédito a si mesmo, à sua capacidade interior de realizar.

ACONTECEU

Após dois anos difíceis de inverno em Winter Quarters, Mary Fielding Smith estava ansiosa por seguir os Santos para o oeste com sua família. Além dos filhos de seu marido mártir, Hyrum, Mary cuidava de outras crianças, pelas quais se achava responsável.

Na primavera de 1849, Mary deu um jeito de conseguir sete carroções quase caindo aos pedaços, puxados por parelhas que não combinavam, de bezerros e novilhos presos à mesma canga com alguns bois. Movida pela sua fé e determinação, a caravana correu para alcançar os outros emigrantes, três dias de viagem adiante, em Elk Horn.

Em Elk Horn, o encarregado disse-lhe:

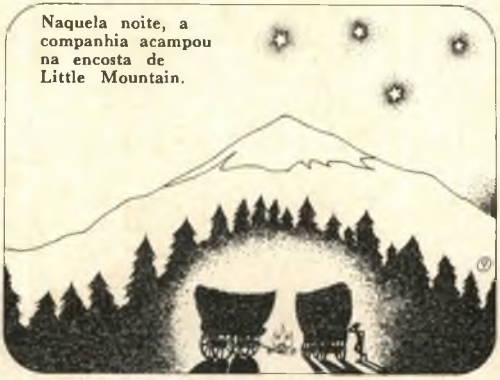
A meio caminho entre os rios Platte e Sweetwater, um dos bois dos Smith arriou na canga como se estivesse envenenado.

Dentro de alguns momentos, o animal estava de pé, puxando a sua carga. Em outras vezes, os animais da família Smith foram abençoados.

Mas Mary pediu calmamente a seu irmão e a um de seus vizinhos que dessem uma bênção que ministrassem ao boi.

Era uma viagem árdua, sob o sol causticante...

MESMO



Nota: Seu filho de dez anos, que guiou um carroção tão bem quanto qualquer adulto, tornou-se mais tarde o sexto presidente da Igreja.

CONTANTO QUE VOCÊ SEJA FELIZ

Kim Lodder

Todos os meninos e meninas de nossa rua freqüentavam a Primária, menos eu. Papai era membro inativo da Igreja, e mamãe era ativa em sua própria igreja.

Eu tinha cerca de cinco anos, quando comecei a sentir-me posta de lado. Meus amigos convidavam-me para ir à Primária com eles, eu pedia à mamãe, mas ela sempre dizia não.

Um dia, após havê-la "amansado" por algum tempo, finalmente ela disse — sim. Depois disso, fui à Primária todas as semanas. Quando chegava a casa, alvoroçada com o que havíamos feito e aprendido, notava que mamãe parecia gostar de

ouvir o que lhe contava sobre a Primária.

Uma de minhas amigas chamava-se Laura, e sua mãe tornou-se amiga de mamãe. Sempre que nossas mães estavam juntas, falavam sobre os mórmons. Mamãe estava interessada, mas não queria deixar a sua igreja. Sabia que magoaria minha avó, se o fizesse.

Um dia, após mamãe ter conversado com a mãe de Laura, disse: "Não falarei mais com ela. Toda a vez que estamos juntas, acabamos falando de sua igreja e estou-me cansando disso."

Mas, depois de alguns dias, notei mamãe inquieta, e por fim, voltou a freqüentar a casa de Laura. Ela disse mais tarde que simplesmente não conseguia manter-se afastada. Foi esse o dia em que concordou que os missionários viessem a nossa casa.

Após a palestra, mamãe começou a ler os livros que eles deixaram, e orar sobre o que deveria fazer. Não demorou em decidir-se a ser batizada. Estava, porém, preocupada por minha avó.

Finalmente, porém, mamãe armou-se de coragem para telefonar à vovó e contar-lhe que iria ser batizada na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Houve um vazio silencioso do outro lado da linha. Afinal, minha avó disse: "Estou magoada e desapontada com você", e desligou.

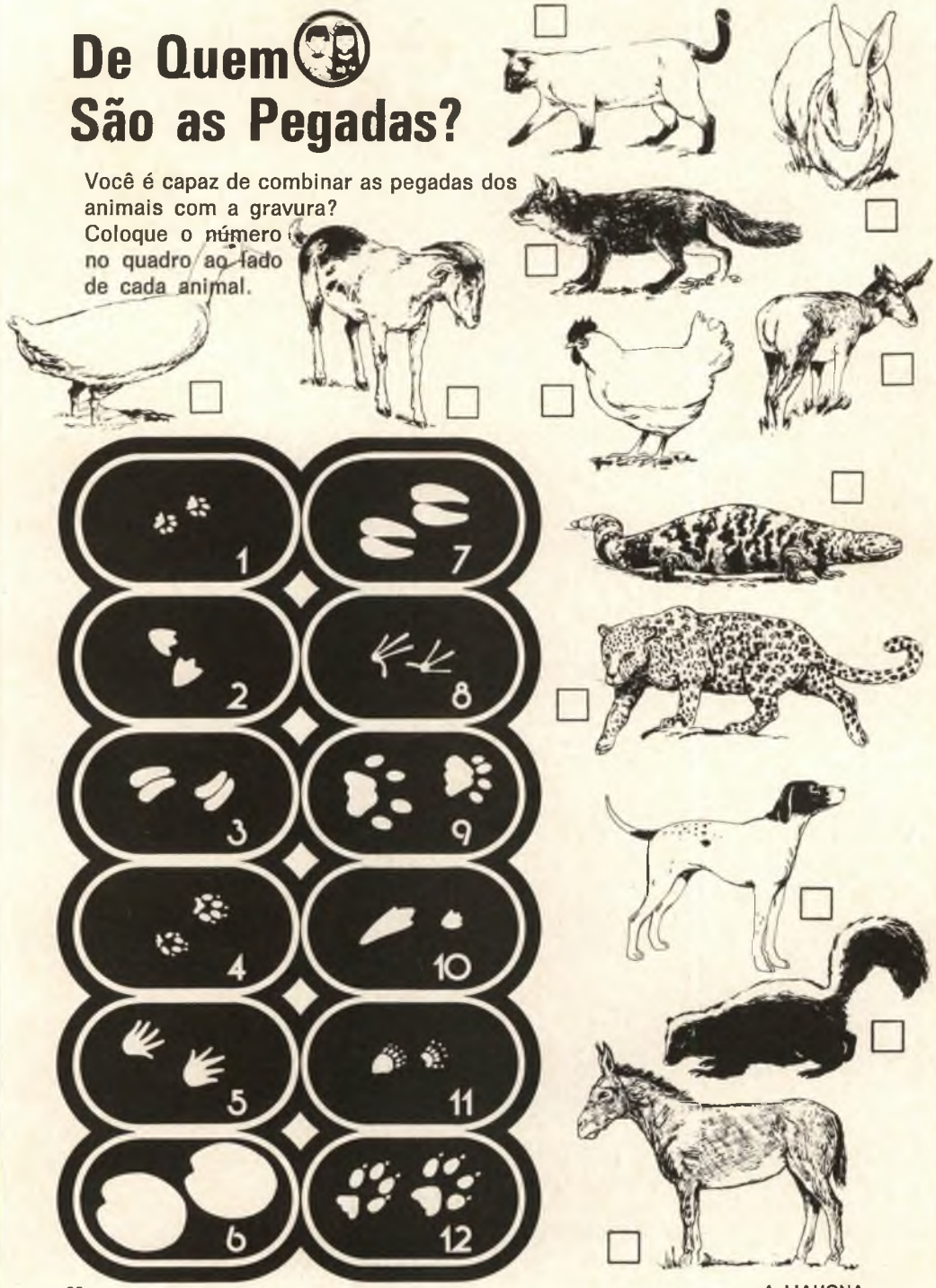
Levou muito tempo para a vovó falar conosco ao telefone ou responder às nossas cartas; assim, você pode imaginar quão feliz mamãe ficou, quando vovó ligou um dia e disse: "Estive pensando a respeito do batismo e achei que é certo que você se torne mórmon, minha querida, contanto que seja feliz." E mamãe estava realmente feliz.

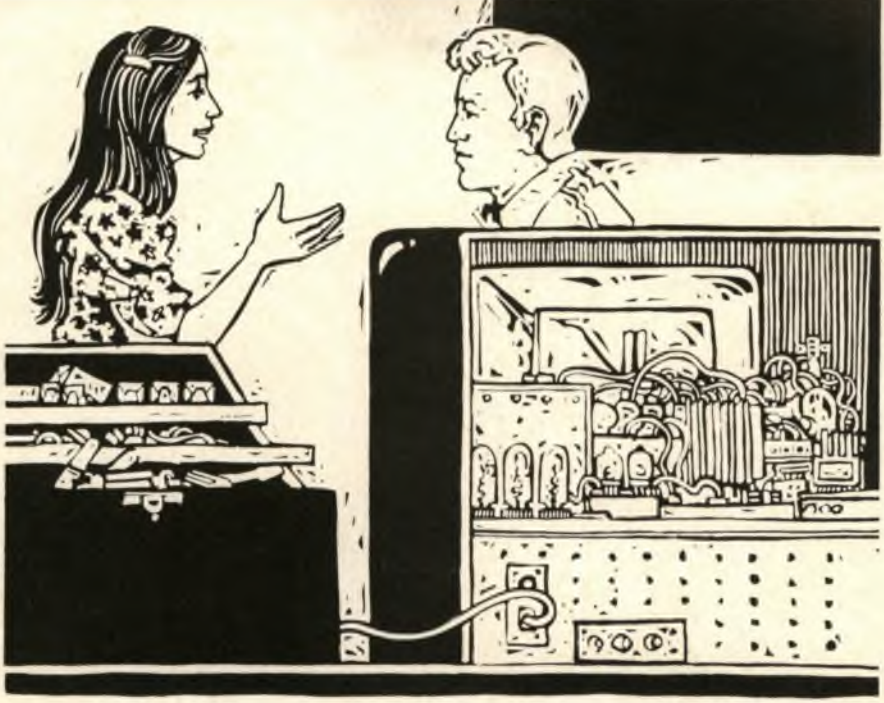
Logo que tive idade suficiente, fui batizada, assim como os meus irmãos. Mas ainda estávamos tristes, porque papai se conservava inativo na Igreja. Meu irmão mais novo, Peter, era o mais infeliz, e um dia perguntou a papai: "Por que você e mamãe não se casam no templo?"

Papai pensou a respeito e deve ter-se feito a mesma pergunta: — "Por quê?" —, pois no tempo oportuno, foi bem isso que aconteceu.

De Quem São as Pegadas?

Você é capaz de combinar as pegadas dos animais com a gravura? Coloque o número no quadro ao lado de cada animal.





O CONSERTO

Ronald Kirby

Estava atrasado para o trabalho e, ao chegar à oficina, verifiquei que todos os técnicos haviam saído para atender a consertos de TV. Após 15 minutos, recebi um chamado de um endereço na vizinhança. Foi fácil encontrar o prédio e logo tratei de subir ao apartamento indicado. Uma garota de cerca de 18 anos abriu-me a porta. Chamava-se Christine. Levou-me até à TV e enquanto conversávamos, perguntou-me o que desejava para beber. Pedi-lhe chá e ela disse-me que não tomava chá. Quis saber por que, e ela me fez as Perguntas de Ouro.* Antes de sair, conhecia a história de Joseph Smith e o suficiente sobre a Igreja para despertar a minha curiosidade.

Ela prestou-me o seu testemunho de que a Igreja é verdadeira. Jamais alguém me impressionou tanto ou despendeu tanto tempo para demonstrar-me um genuíno interesse. Fui convidado a assistir a uma reunião da Igreja com ela no domingo. Para meu assombro, passei seis horas conversando com ela, enquanto precisava de apenas alguns minutos para consertar o televisor. Aí começou o mais importante "conserto" de minha vida.

Aquele domingo foi especial para mim. Era reunião de jejum e de testemunhos e fiquei impressionado com a cálida acolhida que os membros me deram. Christine apresentou-me aos missionários de tempo integral. Graças àquela meiga garota em minha cidade natal, Bolton, Inglaterra, que teve o ânimo de perguntar-me o que sabia dos mórmons e se queria saber mais, fui batizado duas semanas depois.

---

* N.R.:
"O que sabe a respeito dos mórmons?"
"Gostaria de saber mais?"

Orador Jovem

Anya Bateman

"Respire fundo e expire devagar" disse sua mãe no trajeto à Igreja Era o que fazia agora. Então inspirou de novo e tentou soltar o ar em lenta expiração.

"Por que estou tão apavorado? Não pode ser. Preciso controlar-me."

Manuseou o seu Livro de Mórmon e puxou um papel gasto. Desdobrou-o com cuidado, pois as dobras pareciam prestes a partir-se.

"Irmãos e irmãs, sinto-me feliz por esta oportunidade de falar-lhes" não era um início muito original. Dobrou o discurso, enfiou-o no bolso, depois tirou-o de novo e recolocou-o na parte da frente de seu Livro de Mórmon.

Tirou o lenço e limpou as mãos. Por que não parava de tremer? Era preciso evitar que seu corpo tremesse, ou a sua voz tremeria também.

"Irmãos e irmãs, sinto-me feliz por estar aqui hoje. Estou feliz por ter esta oportunidade. Quando o bispo, meu pai, pediu-me que falasse, eu...'" Isto soava estúpido!... Por que não pensara em uma introdução melhor?

Há três anos não falava em público. Três anos inteiros! Desde aí, sempre evitara o convite de algum modo. Mas a sua última experiência enfraquecera com o tempo, e ele queria aprender a pôr-se diante das pessoas, e então disse: sim.

Agora a lembrança daquele primeiro discurso parecia dolorosamente recente. Lá estava ele lutando e tremendo. Ainda podia recordar-se do discurso. Naquela época, ao olhar para todos aqueles rostos, as palavras que decorara sumiram, simplesmente evaporaram. "Mas eu não tinha minhas anotações comigo naquele dia", pensou. "Isto me derrubou." Não havia trazido minhas anotações, porque queria parecer super-inteligente. Além do mais, papai nunca as usa. Mas agora tenho minhas anotações, de modo que não haverá problemas. Se não haverá problemas, ponderava, por que estou tão assustado?

Os anúncios terminaram, seu pai sentou-se algumas poltronas adiante de Jack e pigarreou. O garoto olhou o perfil do pai, tão parecido com o seu. "Mas aí termina a semelhança" pensou Jack. "Papai é um orador tão vigoroso." Seus discursos são sempre cheios de relato e experiência. "Não tenho uma história sequer no meu", pensou Jack. "Todos vão pegar no sono. Bem, melhor se o fizerem."

O pai, sentindo o olhar de Jack, voltou-se, sorriu e inclinou a cabeça. Jack respondeu ao sorriso e procurou engolir o nó da garganta; retirou suas anotações de novo. "Se eu fosse mais parecido com o meu pai, não estaria assim preocupado." Então fechou os punhos. "Não preciso ser exatamente como meu pai. Não preciso ser extrovertido e dinâmico. Posso ser tão somente eu mesmo."

Baixou a cabeça e limpou o suor da testa. Não ajudaria em nada ter umidade em seus óculos. Jack teve então um pensamento que o fez arrepiar-se todo. Apertou os artelhos com força contra a sola do sapato. "O que será, se eu chorar? Chorar de puro medo. E se perder o controle? Não, não faria isto. Irmãos e irmãs, sinto-me feliz..."

Duraria apenas oito minutos e meio. Por oito minutos e meio, certamente poderia controlar-se. "Talvez minha voz falhe uma ou duas vezes, mas não creio que choraria mesmo, ao menos assim espero..."

A irmã Carlson dirigia o hino sacramental e Jack abriu o seu hinário para

procurá-lo. Não ouvira o número da página. Após finalmente procurar no índice e achar "Vinde a Mim", n.º 9, já estava na última estrofe. Mas havia algo de errado com sua voz. Não estava clara e profunda, mas rouca e tímida. "Não tenho voz. Como poderei proferir um discurso sem voz?" Pigarreou, tossiu e tentou cantar de novo. Desta vez, sentiu-se aliviado ao perceber sua voz tornar-se mais límpida.

"É importante que obedeçamos à Palavra de Sabedoria, porque..." As palavras de seu discurso fluiam agora pela sua mente, porém não ordenadas. Estavam todas misturadas. Cantou mais algumas palavras e suspirou outra vez, profundamente.

Após o sacramento, Jack viu seu pai manusear alguns papéis, sorrir para ele e encaminhar-se para o púlpito. "Está na hora" pensou Jack. "Papai apresentará os discursantes agora e eu serei o primeiro." A congregação estava de olhos fixos no púlpito. Dentro de um minuto, ele, Jack Miller, estaria lá de pé, com todos olhando fixo esperando tanto dele. Havia um aperto em seu peito e uma leve dor. Um ataque cardíaco. Quem sabe teria um infarto.

"Não posso ir lá! Não posso mesmo! Acho que minhas pernas nem me sustentariam, se me levantasse. Creio que terei uma dor de barriga a qualquer momento. Preciso dizer a papai que não posso. Eu... não, tenho de fazê-lo. É preciso." Não fazia sentido. Onde estava a sua grande auto-imagem? Nesta manhã, diante do espelho, lera o seu discurso sem um erro sequer. Chegou mesmo a usar as mãos e esteve perfeitamente controlado.

"Temos um pequeno problema esta noite, irmãos e irmãs" dizia o seu pai. "Parece que não foi de bom alvitre chamarmos o Irmão e Irmã Emery como nossos principais discursantes. Esperamos que o nosso convite para que falassem não tenha precipitado o parto da Irmã Emery; mas, seja qual for a causa, um pequenino espírito parece muito ansioso de juntar-se à família de nossa ala. Acabei de ser informado que o casal está na maternidade neste momento." Todos riram. Todos, menos Jack. "Portanto", seu pai virou-se para ele e sorriu-lhe: "diremos ao nosso orador jovem, meu filho Jack, que dispõe de todo o tempo que quiser. Tenho certeza de que se sentirá feliz por isso." A congregação riu de novo, enquanto Jack sentia o rubor subir-lhe às faces. Estava tão absorvido por seu próprio discurso, que nem notara a ausência dos Emery. "Lá se vão os oito minutos e meio", pensou.

"Talvez peçamos depois a alguns membros da ala que nos dirijam algumas palavras esta noite", continuou seu pai. "Mas, antes que meu filho fale, gostaria de dizer algo sobre o que estive pensando bastante ultimamente — o sacerdócio." Seu pai, seguro de si, pousou uma das mãos sobre o parapeito do púlpito e pôs a outra no bolso.

Jack colocou a cabeça entre as mãos. "Oh, não! Não pode ser!" Deveria falar depois de seu pai. Isto era ainda pior do que pensara. "Agora sei que não poderei fazê-lo", gritava dentro de si. Mas o que dizia seu pai?

"Em nossa família, houve alguém que usou o poder do sacerdócio e o magnificou. Mas isto não é de se estranhar, pois ele, mesmo em pequeno, acreditava no poder do sacerdócio." O rubor cobriu de novo as faces do garoto, quando percebeu que o pai falava a seu respeito. "Tenho uma história especial sobre Jack que é importante para nossa família, e gostaria de relatá-la a vocês. É especial, porque..."

Jack levantou os olhos para ver por que seu pai fazia uma pausa tão prolongada. Viu que ele havia tirado a mão do bolso, pousando-a sobre o púlpito.

"É especial, porque..."

"Não esta história, papai, por favor. Você não chegaria até o final." Jack torcia-se no seu assento, mas não por ele próprio. Conhecia bem a história. Seu pai o abençoara após um acidente de carro e isto lhe salvara a vida. Porém, o pai jamais tentara contá-la em público. Por que agora?

"Meu filho tinha apenas três anos, mas pediu uma bênção..." A voz do bispo Miller vinha em jatos, e seus dedos estavam lívidos. Desta vez a pausa foi mais longa. "Vocês... vocês têm de perdoar-me. Não deveria tentar contar esta história, mas eu..." A emoção sufocou-o. Outras duas vezes parou, cada vez fazendo uma pausa mais demorada que a anterior. "Sinto muito... eu... os médicos disseram..." Seu pai quedou-se junto ao púlpito, silencioso, incapaz agora de controlar a voz. Jack achava-se sentado na ponta do banco, agarrando-se aos apoios laterais. Tinha um só pensamento. "Tenho de ajudar papai."

Como se todo o nervosismo o deixasse, Jack sentiu-se extremamente calmo, ao caminhar os poucos passos até o púlpito. Lá chegando, envolveu o pai com um abraço: "Bispo, quero dizer, papai, deixe-me terminar a história para você." Seu pai voltou-se para ele, surpreso, as lágrimas ainda escorrendo por trás dos óculos. Então assentiu aliviado e sentou-se.

Era estranho com que sangue frio contou a história que tão importante era para a sua família. Alguns dos membros esfregavam os olhos ao final. Mas, agora era a vez de Jack fazer uma pausa. Que diria agora? Falar sobre a Palavra de Sabedoria já não era mais adequado. Abriu o Livro de Mórmon em suas anotações e fitou-as. Então, viu uma escritura que havia sublinhado. "Eu, Néfi, tendo nascido de boa família." (1 Néfi 1:1.) Imediatamente leu a escritura em voz alta, pois sabia agora sobre o que iria falar. Olhou em seus rostos, lá se achavam a Irmã Jackson, a Família Wade e o bom e velho Irmão Price, seu Mestre Familiar. Lá estava a sua própria família, com a sua mãe sorrindo para ele. Sentiu-se entusiasmado de dirigir-se a eles todos. Resolveu falar-lhes de seus sentimentos.

"Algumas vezes, para contar-lhes a verdade, tenho-me revoltado um pouco por ter um pai Bispo", disse Jack. "Todos esperam muito dele. Mas agora eu, Jack Miller, nascido de boa família, gostaria de contar-lhes o que significa ter um pai como o meu, que honra o sacerdócio e ama ao próximo." Voltou-se para o seu pai, que lhe sorria largamente. "Esta é a minha oportunidade de tirar desforra de todas as histórias que contou a meu respeito e dos outros em seus discursos." A congregação riu e Jack ouviu o riso profundo de seu pai atrás de si.

Confiantemente, pousou a mão sobre o púlpito e colocou a outra no bolso ao continuar. Sua voz ecoava pelo microfone com um poder brando e sutil. O Espírito manifestou-se e ele, Jack Miller, tornou-se um orador.

Dê aos seus semelhantes as atenções que puder sem medir resultados.

Esta é uma das experiências mais compensadoras da vida, colocando-o em sintonia com as pessoas aparentemente fechadas. E sorria sempre que puder.

Série História da Igreja
Parte 3

Triunfo e Tragédia

Glen M. Leonard

A COLIGAÇÃO DE NAUVOO: Quando Joseph Smith e os outros prisioneiros foram soltos da prisão de Liberty, em meados de abril de 1839, as ordens do governador deixaram bem claro que os mórmons não eram bem-vindos. Assim, novamente o povo de Joseph carregou os seus pertences nos carroções, e seguiu o rio Mississipi em direção norte, para uma cidade esparsamente habitada, Commerce, Illinois. Joseph mudou o seu nome para Nauvoo... que quer dizer em hebraico "um belo lugar" — e começou a organizar uma nova cidade.

Os santos dos últimos dias de Kirtland experimentaram ricas bênçãos espirituais em fins de 1830, e na mesma época passaram por um severo teste de fé. A dedicação do Templo de Kirtland, a 27 de março de 1836, trouxe-lhes uma investidura de poder espiritual que lhes fora prometida cinco anos antes ao emigrarem de Nova York. Mas, mesmo ao se sacrificarem para construir a primeira casa do Senhor na última dispensação, sérias dificuldades ameaçavam a unidade da Igreja, tanto em Ohio, como no segundo lugar de coligação na parte norte do Missouri.

Kirtland havia sido designada por revelação em 1831 como sede provisória por cinco anos (D&C 38:32; 64:21) e muitos membros aceitaram o desafio de ajudar a manter os mórmons lá. Em Kirtland, bem como em Jackson County, Missouri, os Santos negociaram terras em áreas esparsamente colonizadas por outros fazendeiros da fronteira americana e por

gente da cidade. Na área de Kirtland, os Santos possuíam seus próprios armazéns de mantimentos, uma pensão, vários moinhos e lojas para objetos de artesanato. Assim, contribuíam para o desenvolvimento geral da comunidade.

Contudo, moradores mais antigos temiam que o rápido influxo dos colonos mórmons transtornasse o equilíbrio da economia de Kirtland. Os moradores também começavam a inquirir sobre as atividades políticas gerais dos santos dos últimos dias. Vários deles foram eleitos para cargos públicos, mas circulavam boatos de que os mórmons eram anti-americanos e planejavam implantar um secreto regime autocrata. Sem dúvida, esses temores se originaram na crença da criação eventual do governo do Milênio. Por causa de seu envolvimento em assuntos políticos, os santos participaram de debates locais para a nova localização do Condado do Lago Gauza, do movimento local de moderação, e outros assuntos.

Fora a sua preocupação em questões sociais e políticas, os membros da Igreja guiaram Kirtland em seu interesse pelo ensino. Na revelação conhecida como "Folha de Oliveira" (D&C sec. 88) registrada em dezembro de 1832, o Senhor instruiu a Primeira Presidência sobre a construção de um templo. Diferente dos outros templos SUD, este serviria a vários propósitos religiosos e educacionais. Num dos andares superiores, haveria escolas de treinamento missionário e para encorajar a procura de conhecimento secular.

As aulas de religião para a escola de profetas (ou escola dos élderes, como às vezes era chamada) iniciaram-se em princípios de 1833, antes do término do templo, e continuaram ininterruptamente por vários anos. O Profeta Joseph Smith e outros prepararam uma série de "Dissertações sobre a Fé" como texto básico para os élderes. Estas discussões doutrinárias foram publicadas juntamente com Doutrina e Convênios, de 1835 até 1920. O departamento secular da escola, chamado Escola de Kirtland, oferecia cursos de matemática, gramática, geografia e outras matérias básicas. Em 1835 uma aula especial de hebraico foi ministrada por Joshua Seixas, de Hudson, Ohio. No outono de 1837, poucos meses após a dedicação do templo, um colégio superior de Kirtland assumiu o currículo geral educacional iniciado pela escola de Kirtland.

O templo tinha outras funções, além da educação. Aos membros dignos, trouxe o cumprimento das promessas do Senhor de que eles seriam "dotados com poder do alto." (D&C 38:32.) A revelação da "Folha de Oliveira" explicava ainda que este edifício serviria como "uma casa de oração, uma casa de jejum, uma casa de fé, uma casa de ensino, uma casa de glória, uma casa de ordem, uma casa de Deus. (D&C 88:119.)

Planos para o templo foram estabelecidos mediante revelação à Primeira Presidência, tendo Frederik G. Williams como projetista. Embora em linhas gerais parecesse uma grande capela inglesa, o templo de Kirtland tinha várias características fora do comum que o destacavam

como construção de santos dos últimos dias. Por exemplo, artesãos hábeis construíram púlpitos de belíssimo entalhe, nas duas extremidades da sala de reuniões — quatro fileiras de púlpitos para o sacerdócio de Melquisedeque do lado oeste, e quatro para o sacerdócio Aarônico a leste. Esse espaço de 16,76 por 19,80 m podia ser separado em quatro divisões com véus ou cortinas, baixados por meio de cordéis ou puxadores camuflados.

A pedra angular do templo foi assentada a 23 de julho de 1833, e o trabalho iniciou-se logo após, com os membros reunindo-se para ajudar. Foram precisos sacrifícios e colaboração financeira de cada um: trabalhadores na pedreira de arenito; artesãos em pedra; carpinteiros, marceneiros, vidraceiros, pintores, que trabalhavam no local; mulheres que fiavam lã e teciam roupas para os trabalhadores; e outros que contribuíam pagando o custo estimativo da construção de 60.000 dólares. E à medida que a construção sagrada se aproximava de seu término, famílias doavam objetos de vidro, porcelana etc. para serem triturados e misturados à massa do reboco a fim de dar ao templo uma aparência rutilante.

Joseph Smith e Oliver Cowdery baixaram as cortinas... ajoelharam-se em prece silenciosa... e viram "o Senhor de pé no parapeito do púlpito."

Os acontecimentos relativos à dedicação do templo, em março de 1836, foram um ponto alto na história da Igreja em Kirtland. Na preparação para a dedicação, Joseph Smith introduziu as ordenanças de lava-pés e unção com o óleo dos líderes do sacerdócio. Isto estava de acordo com os mandamentos do Senhor, para que "vos prepareis e vos santifiqueis; sim, purificai os vossos corações e limpai as vossas mãos e vossos pés diante de mim, para que vos possa purificar,... do sangue desta geração iníqua. (D&C 88:74-75.) Estas eram ordenanças preliminares ao endowment pleno, introduzido pelo Profeta vários anos mais tarde em Nauvoo.

Havia tantos que queriam assistir aos serviços de dedicação formal a 27 de março, que a oração dedicatória dada por revelação foi repetida várias vezes, para que todos pudessem ouvi-la.

Nas reuniões, o novo hino de William W. Phelps, "Tal Como um Facho" (hino n.º 160), foi cantado pela primeira vez. Naquela noite, numa reunião do sacerdócio, o templo encheu-se de sons como vento, e vários dos presentes à reunião falaram em línguas. Testemunhas de fora relataram terem ouvido os sons sibilantes e viram um facho de luz na cumeeira do templo. Os membros compararam suas experiências com os acontecimentos espirituais do Dia de Pentecostes.

Um clímax adequado aos vários dias de experiências semelhantes, aconteceu no domingo, 3 de abril. Na reunião da tarde, após participarem do sacramento, Joseph Smith e Oliver Cowdery baixaram as cortinas que circundavam os púlpitos a oeste. Com a privacidade que tal ocasião requeria, ajoelharam-se em prece silenciosa, após o que lhes apareceu uma visão, e eles "viram o Senhor de pé, no parapeito do púlpito." (D&C 110:2.) O Salvador aceitara o templo e prometeu-lhes outras bênçãos. Mais duas visões apareceram então a Joseph e Oliver: Moisés conferiu-lhes as chaves da coligação de Israel; Elaías conferiu-lhes a dispensação do evangelho de Abraão"; Elias conferiu-lhes as chaves "para converter os corações dos pais aos filhos e dos filhos aos pais... (D&C 110:12,15.)

As experiências desse dia e da semana de dedicação seriam relembradas pelos santos muito depois de haverem abandonado Kirtland e após o templo ter caído em outras mãos. Depois de longo tempo em desuso, o templo foi readquirido e é agora mantido como centro de reuniões

pela Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, cuja sede se acha em Independence, Missouri.

Crise em Kirtland

As dificuldades que fizeram Joseph Smith deixar Kirtland, eram algo diferentes da agressão da chusma que fez os santos do Missouri fugirem de Jackson County, primeiro para Clay County, em 1833, e então para outros municípios do norte do Missouri. Em ambos, tanto no Missouri quanto em Ohio, existiam pressões religiosas e políticas, centralizadas principalmente no envolvimento de Joseph Smith num empreendimento bancário e, havia ainda perseguições feitas por apóstatas amargurados.

Fora um período de rápido crescimento econômico para Kirtland e Ohio. Dinheiro e crédito eram escassos nas fronteiras americanas. A população, as oportunidades de negócios e os preços das terras, tudo aumentava rapidamente, e os homens de negócio SUD viram a necessidade de um banco para imprimirem e fazer circular notas como suporte ao pagamento de dívidas e ulteriores estímulos à economia inflacionária. A 2 de novembro de 1836, Joseph Smith e outros organizaram o Kirtland Safety Society Bank e requereram uma carta patente do estado. Durante os oito anos anteriores, mais de 400 novos bancos se haviam estabelecido nos Estados Unidos com iguais propósitos. Mas o requerimento de Kirtland chegou a Columbus, capital de Ohio, logo após os partidos anti-bancos haverem assumido o controle, e os oficiais do governo recusaram-se a endossar nova carta patente bancária. Os requerentes mórmons decidiram então criar uma Junta de Valores para endossar cédulas e arrecadar dinheiro. Chamaram-na de Kirtland Safety Society Anti-Banking Company, e imprimiram este nome por sobre as cédulas bancárias já preparadas.

Quando as notas de Kirtland começaram a circular em janeiro de 1837, garantidas por uma limitada quantia em ouro, foram aceitas como valor nominal. Os moradores usavam-nas para negociar mercadorias e pagar dívidas antigas. Porém, antes do fim do mês, tiveram de parar, mudando as notas por moedas de ouro. A procura do ouro era maior do que as reservas. Quando os outros bancos souberam que o dinheiro era apenas cambiável por terras, recusaram-se a aceitar as cédulas de Kirtland. Essas dificuldades multiplicaram-se para a companhia, quando os Estados Unidos entraram em crise econômica, o que obrigou centenas de bancos a fecharem.

Joseph Smith renunciou como caixa da Companhia Anti-Banco de Kirtland em princípios do verão de 1837, vários meses antes que a firma cerrasse suas portas definitivamente. Como tantos outros, o Profeta ficou com um débito grande, quando a companhia faliu. Havia investido em terras e negociara mercadorias para o seu armazém, a crédito; contudo, não podia vender suas posses com facilidade para ressarcir o dinheiro.

Alguns de seus colaboradores não conseguiram diferenciar o seu papel de profeta do de homem de negócios. Ele lutava como os outros para ganhar a vida, e o fechamento da firma não tinha relação com a sua integridade como líder religioso. Todavia, alguns em Kirtland tornaram-se amargurados e quiseram substituí-lo como presidente da Igreja. Uma parte voltou-se contra ele como profeta. A apostasia deles levou-os a ameaçar a sua vida e a de seus seguidores. Brigham Young e outros defenderam publicamente Joseph Smith e uniram-se ao Profeta em sua fuga de Kirtland, a fim de escapar ao assassinato ou hostilidades.

Os líderes da Igreja que partiram, viajaram em pleno inverno do Missouri. Chegaram em princípios da primavera de 1838, a Far-West, onde membros vieram em seu auxílio com animais e dinheiro. Naquele verão, muitos dos membros leais que permaneceram em Kirtland decidiram juntar-se aos santos no Missouri. Sob a direção dos Setenta, um grupo de mais de 500 pessoas, conhecido como o "Acampamento de Kirtland" viajou de carro-

ções, atravessando as estradas áridas da fronteira ao Far-West e tornaram-se colonos em Adam-ondi-Ahman.

As dificuldades domésticas não impediram a Igreja de crescer alhures. Em várias partes do leste do país, o trabalho missionário progrediu, e conversões no Canadá levaram a expansão do trabalho para o outro lado do Atlântico. Em abril de 1836, o Élder Parley P. Pratt, do Conselho dos Doze, foi enviado ao Canadá, onde pregou na área de Toronto. Lá conheceu John Taylor, um pregador metodista, que procurava a restauração da igreja original de Cristo. Depois de três semanas de pesquisa, o futuro terceiro presidente da Igreja, e a sua esposa, foram batizados, e, dentro do prazo de dois anos, John Taylor recebeu o chamado como um dos Doze.

Entre os novos membros do Canadá, havia muitos com parentes e amigos na Inglaterra. Escreveram cartas explicando sua conversão e ficaram ansiosos por prestar o seu testemunho pessoalmente a seus amigos. O trabalho fundamental já estava sendo feito para a expansão do evangelho. Vários meses antes de sua fuga de Kirtland, Joseph Smith havia chamado Heber C. Kimball, Orson Hyde, Willard Richards e quatro canadenses convertidos para abrir a missão britânica. Chegaram ao porto de Liverpool, Inglaterra, a 20 de julho de 1837.

Estes missionários entraram em contato com amigos e parentes e começaram a trabalhar entre o povo da Inglaterra em geral. Depois de nove meses de pregação, em igrejas sempre que possível, em galerias alugadas, ou de porta em porta — batizaram aproximadamente dois mil conversos. A maioria dos élderes retornou naquela primavera, deixando o canadense Joseph Fielding para presidir a missão, com Willard Richards (ainda não apóstolo) e William Clayton, um converso britânico, como conselheiros.

PERSEGUIÇÃO EM HAUN'S MILL: Uma chusma montada de "pagãos" apareceu em Haun's Mill, junto às barreiras do Shoal Creek. Amplamente superados em número, muitos dos mórmons refugiaram-se numa ferraria. Alguns até tentaram entrar em acordo com os invasores. A turba, no entanto, abriu fogo sobre qualquer um à vista, e enfiando suas armas pelas aberturas das paredes de madeira, matou homens e meninos.

As Dificuldades em Missouri

Se Joseph Smith esperava encontrar paz entre os santos do norte do Missouri, viu-se tristemente desapontado, pois lá, como em Kirtland, desacordos e mal-entendidos geravam controvérsias. Na primavera de 1838, várias acusações de deslealdade contra a presidência da estaca (David Whitmer, W. W. Phelps e John Whitmer) foram levantadas por um conselho geral e apontadas à investigação. Esses líderes da Igreja foram desobrigados, e colocados em seu lugar, Thomas B. Marsh, com Brigham Young e David W. Patten como conselheiros. A esse mesmo tempo, o tribunal da Igreja excomungava Oliver Cowdery e David Whitmer, duas das três testemunhas do Livro de Mórmon, e Lyman E. Johnson, dos Doze Apóstolos. Esses homens mostravam-se simpatizantes dos dissidentes de Kirtland e criticavam publicamente Joseph Smith.

Durante o verão de 1838, os missourianos repetiam antigas acusações aos santos, e alguns cometiam violência contra suas pessoas e lares. A decisão do Profeta era defender-se das injúrias e resistir, se fosse preciso. Sidney Rigdon comentou sobre a decisão em um discurso de 4 de julho de 1838, dia da Independência americana. "Não aturaremos mais", declarou ele, "nossos direitos não serão mais pisoteados impunemente... E esta chusma que vem sobre nós para importunar-nos; haverá entre nós e eles uma guerra de extermínio... Jamais seremos os agressores, não violaremos os direitos de ninguém; mas lutaremos pelos nossos até a morte. Reclamamos nossos próprios direitos, e estamos de acordo com que todos os outros usufruam dos seus. (*BYU Studies* 14 [(Verão 1974]: 527.)

Os residentes no Missouri interpretaram a viva retórica desse discurso como evidência de traição mórmon. O resultado foi mais violência, que veio a chamar-se "Guerra Mórmon de 1838." As dificuldades começaram no dia das eleições, quando um cidadão embriagado armou uma briga com um dos santos que havia ido às urnas para votar contra um candidato anti-mórmon. Notícias exageradas da briga chegaram a Far-West. Joseph Smith e outros armaram-se para ir em auxílio de seus irmãos. Ficaram sabendo por Lyman Wight, em Adam-ondi-Ahman, que as injúrias não eram grandes, de modo que julgaram o caso encerrado. Mas logo, ordens de prisão contra Joseph Smith e Lyman Wight acusavam-nos de insurreição. Foram presos e levados a julgamento.

Rumores circulavam agora em ambos os lados, e falsas notícias de um levante mórmon alcançaram o governador do Missouri, Lilburn W. Boggs. Este ordenou à milícia estadual que se mantivesse de prontidão. Os santos dos últimos dias alistaram-se na milícia de Calwell County para defesa própria. Quando a chusma em Carrol County hostilizou os santos em Dewitt, Joseph Smith aconselhou os membros a deixarem o município. Esta decisão encorajou a ação do populacho alhures. Chusmas de desordeiros cavalgavam à noite, queimando-lhes as casas e os paióis perto de Adam-ondi-Ahman, e oficiais da milícia estadual instruíram Lyman Wight de como organizar uma milícia mórmon para proteção.

A 24 de outubro, a companhia da milícia de Caldwell County, sob as ordens do capitão Samuel Bogart, fez três prisioneiros mórmons e ordenou aos outros que deixassem o estado. O capitão David W. Patten, membro dos Doze, tomou um pequeno destacamento da milícia mórmon e marchou contra o campo de Bogart, a fim de libertar os prisioneiros. Essas duas companhias tiveram uma luta corpo a corpo, na qual Patten e três outros foram mortos.

Notícias exageradas desse confronto chegaram ao governador Boggs. Contaram-lhe que os santos estavam queimando cidades, expulsando moradores estabelecidos de suas casas e minando as autoridades civis através de atividades de um grupo conhecido como "Danitas."* Ignorando os pontos de vista dos santos dos últimos dias, Boggs emitiu uma ordem a

27 de outubro, instruindo o general John B. Clark, da milícia estadual: "Os mórmons devem ser tratados como inimigos e precisam ser exterminados e expulsos do estado, se necessário, para o bem público. Sua periculosidade está além de qualquer descrição." (History of the Church 3:375.)

Perseguição e Expulsão

Esta infame "Ordem de extermínio", trouxe os resultados previsíveis. A 30 de outubro, mais de duzentos homens da milícia estadual participaram de um brutal massacre numa pequena vila de trinta famílias mórmons, perto do moinho de Jacob Haun, no Condado de Caldwell. Os moradores haviam feito um tratado de paz com os líderes da milícia apenas dois dias antes, mas os soldados atacaram o vilarejo e mataram 17 dos santos, incluindo homens e meninos que haviam fugido para uma ferraria a fim de proteger-se.

No dia seguinte, na Igreja de Far-West, os líderes reuniram-se para ouvir quatro ordens do general Samuel Lucas: propriedades mórmons seriam confiscadas para pagarem os prejuízos, os líderes da Igreja deveriam entregar-se para julgamento e punição, a defesa dos santos deveria ser desarmada e precisavam deixar o estado sob guarda da milícia. Joseph Smith, Sidney Rigdon, Lyman Wight, Parley P. Pratt, George W. Robinson, Hyrum Smith e Amasa Lyman foram aprisionados para serem fuzilados no dia seguinte, e o general Lucas ordenou ao general Alexander Doniphan que cumprisse a ordem. Doniphan, que servira de advogado aos santos anteriormente, respondeu com um memorando: "É assassinato a sangue frio. Não obedecerei às suas ordens. Minha brigada marchará para Liberty amanhã de manhã às oito horas; e se você executar estes homens, fá-lo-ei responsável perante um tribunal terreno, se Deus me ajudar." A resposta destemida de Doniphan evitou a execução. (CHC 1:482.)

A calma pairou sobre o Missouri durante novembro e dezembro de 1838, mas os santos sabiam que os obrigariam a deixar seus lares. Com Joseph Smith e seus conselheiros na prisão, Brigham Young, agora o mais antigo do Conselho dos Doze, começou os preparativos do êxodo. Em janeiro, um comitê organizou a partida, e em fevereiro, Brigham Young fugia de Far-West para a sua própria segurança. O êxodo em massa começou então seriamente, e em fins de abril, quase todos os santos haviam deixado Missouri. Muitos acharam refúgio cruzando o rio Mississipi a oeste de Illinois, em Quincy. Outros fugiram para St. Louis, Missouri, e outras localidades próximas.

Durante este tempo de provação para os santos dos últimos dias, seu Profeta e os que haviam sido aprisionados com ele, padeciam na prisão. De Independence, os prisioneiros foram transferidos para Richmond, também no Missouri, a fim de aguardarem julgamento sob acusação de traição. Um juri civil, presidido pelo juiz Austin A. King, iniciou-se a 13 de novembro. Sampson Avard (um apóstata da Igreja) e outras testemunhas acusaram o Profeta de dirigir atividades "danitas." Testemunhas favoráveis foram capturadas e postas na prisão para evitar que aparecessem. Finalmente, o juiz conservou os prisioneiros para julgamento posterior. Vários deles foram mantidos em Richmond. Joseph Smith e Hyrum Smith, Sidney Rigdon, Lyman Wight, Alexander McRae e Caleb Baldwin foram enviados à prisão de Liberty, em Clay County.

A prisão de Liberty, uma construção pequena de 6,7m, de pesados muros de pedra, marginados com cepos, foi o lar do Profeta durante meses. Suas cartas, partindo deste lugar lúgubre, refletiam singular otimismo. Com tempo para orar e meditar, escreveu algumas revelações e observações profundas. Trechos destas seções aparecem agora em Doutrina e Convênios, nas seções 121, 122 e 123. Em abril, os prisioneiros de Liberty foram transferidos para Gallatin, no Condado de Davies. Então, numa segunda transfe-

rência para Columbia, o xerife e os guardas permitiram que eles escapassem. Os prisioneiros, enfraquecidos, caminharam e cavalgaram até Illinois, onde, a 22 de abril, reuniram-se às suas famílias e aos santos. Os prisioneiros de Richmond também foram transferidos para Columbia e escaparam de seus captores a 4 de julho.

O êxodo do Missouri marcou o fim de um importante período na história da Igreja. Os anos de Ohio e Missouri foram marcados pela construção de um templo, novas revelações da doutrina, a expansão de trabalho missionário, a designação para o lugar de Sião. Esses anos foram perturbados por tragédia financeira, amarga perseguição, apostasia e a expulsão dos santos do Missouri. Mas, ao iniciar-se 1839, principiou também um novo período na história da Igreja, um tempo de renovada vitalidade e crescimento, com os santos fundando um novo local de coligação em Nauvoo, Illinois.

---

*Danitas — um bando de vingadores. Joseph Smith foi apontado como o instigador principal, mas nada tinha a ver com isso e denunciou os participantes, ao ser inteirado de mais essa acusação.

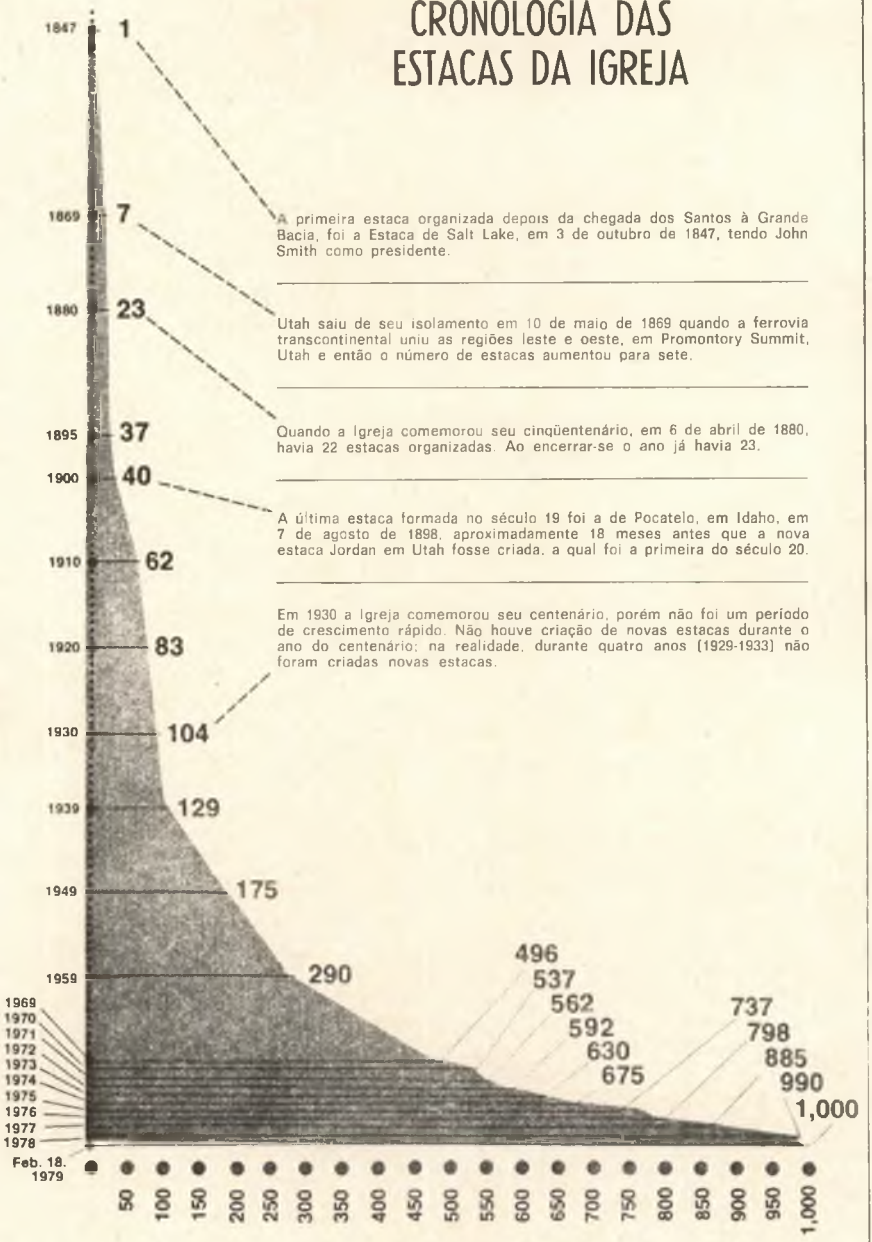
ESTÁVAMOS RESOLVIDOS A IR PARA SIÃO

"Os tempos tornavam-se muito difíceis em Kirtland", escrevia Caroline Barnes Crosby, recordando a grande crise financeira durante os anos em que ela e o marido Jonathan estiveram lá com os santos. Mais de uma vez, os Crosby conjeturaram de onde iriam obter a sua próxima refeição. "Tivemos então a oportunidade de experimentar a caridade dos irmãos, muitos dos quais se achavam na mesma situação que nós", escrevia Caroline.

Ela recordava-se de uma noite em que o irmão William Cahoon parou em frente à casa dos Crosby. Estava a caminho de sua própria casa, levando uma certa quantidade de milho para a sua família. Perguntou a Caroline e Jonatham se tinham alimento. Quando lhe contaram que nada tinham, ele repartiu o milho com eles, convidando-os à sua casa para receberem uma ração de batatas e também de carne. Outros santos igualmente dividiam suas provisões com essa família. E Caroline observa: "Tivemos também inúmeras oportunidades de repartir nosso último pão com os irmãos."

Para Caroline e Jonathan, a provação financeira de Kirtland não era tão dura quanto presenciar a divergência dos irmãos e irmãs. "Manifestavam-se abertamente contra o Profeta... renunciando a qualquer aliança com a Igreja", recordava Caroline, acrescentando com tristeza: "Estes eram alguns dos vizinhos e amigos mais chegados. Conversávamos intimamente, e íamos à Casa de Deus como amigos." Ao encontrar uma das irmãs que deixara a Igreja, perguntou o motivo de sua apostasia. A irmã contou a Caroline que não estava satisfeita com algumas coisas da Igreja. "Senti-me desanimada e triste", comentou Caroline mais tarde, "mas nunca sequer pensei em deixar a Igreja ou abandonar o Profeta. Estávamos resolvidos a ir para Sião", disse Caroline, em relação à jornada da família para Kirtland. A família continuava resolvida a buscar Sião, sobrevivendo às provações em Ohio e seguindo o corpo principal dos santos ao Missouri, Illinois e Utah. Após haverem servido como missionários no Tahiti, estabeleceram-se definitivamente em Beaver, Utah. Caroline mantinha cuidadosamente seus diários e escreveu uma história pessoal detalhada e comovente de onde foi retirado este trecho.

CRONOLOGIA DAS ESTACAS DA IGREJA



A primeira estaca organizada depois da chegada dos Santos à Grande Bacia, foi a Estaca de Salt Lake, em 3 de outubro de 1847, tendo John Smith como presidente.

Utah saiu de seu isolamento em 10 de maio de 1869 quando a ferrovia transcontinental uniu as regiões leste e oeste, em Promontory Summit, Utah e então o número de estacas aumentou para sete.

Quando a Igreja comemorou seu cinqüentenário, em 6 de abril de 1880, havia 22 estacas organizadas. Ao encerrar-se o ano já havia 23.

A última estaca formada no século 19 foi a de Pocatelo, em Idaho, em 7 de agosto de 1898, aproximadamente 18 meses antes que a nova estaca Jordan em Utah fosse criada, a qual foi a primeira do século 20.

Em 1930 a Igreja comemorou seu centenário, porém não foi um período de crescimento rápido. Não houve criação de novas estacas durante o ano do centenário; na realidade, durante quatro anos (1929-1933) não foram criadas novas estacas.

Muitos acontecimentos importantes alinham-se ao longo da história de contínuo crescimento que levou à formação da 1.000.ª estaca da Igreja. As 1.000 estacas estão espalhadas pelos 50 estados norte-americanos e em 40 países em todos os continentes do mundo. O maior número (761) encontra-se nos Estados Unidos, vindo em seguida o México com 51 e o Canadá com 21 estacas. A América do Norte é o continente com a maior concentração de estacas (782) e a América Central (incluindo o México), conta 61. A América do Sul tem 52 estacas; a área do Pacífico Sul, 37, as Ilhas Britânicas 30, a Europa Continental 22, a Ásia 14 e a África 2 estacas.

Em 1895, quando havia 34 estacas na Igreja toda, foram organizadas as estacas de Alberta no Canadá e Juarez no México, as duas primeiras fora dos Estados Unidos.

O ano de 1960 marcou o início da década da criação das primeiras estacas em muitos países como: Austrália, Inglaterra, Alemanha, Suíça, Países Baixos, Escócia, Brasil, Guatemala, Uruguai, Tonga e Samoa. O ano de 1970 trouxe as primeiras estacas no Japão, Peru e África do Sul. Outras primeiras estacas foram organizadas no Tahiti e Chile, em 1972; Coréia, Filipinas e El Salvador em 1973, Argentina, Irlanda, Dinamarca em 1974 e Gales, Suécia e França em 1975. Um crescimento fenomenal se deu em novembro de 1975, quando no México se organizaram 15 estacas. Depois disso foram organizadas estacas em Taiwan e Hong Kong (1976), Costa Rica, Colômbia, Bélgica Honduras, Noruega, Venezuela e Finlândia (1977).

Desde 1976, em que foram criadas 61 estacas, o número de estacas organizadas por ano tem crescido continuamente, sendo que em 1977 se organizaram 87 e em 1978 estabeleceu-se o novo recorde de 107 estacas. Pela primeira vez foram criadas mais de 100 estacas no período de um ano e em 18 de fevereiro de 1979 foi criada a milésima estaca da Igreja na histórica cidade de Nauvoo, Illinois.

Dois Brasileiros Chamados para Presidentes de Missão

Os irmãos Walter Guedes de Queiroz e Harry Klein foram recentemente chamados para servir como presidentes de Missão, o primeiro na missão Brasil Porto Alegre e o segundo na missão Brasil Recife.

O irmão Walter Guedes de Queiroz, 48 anos, é diretor de Instituto do Sistema Educacional da Igreja, em São Paulo. É natural do Rio de Janeiro, filho de Florencio L. e Maria José Guedes de Queiroz. Convertido à Igreja, vindo da fé metodista, batizou-se a 30 de março de 1957, em São Paulo. Casou-se com Isabel Menezes de Mello em 27 de fevereiro de 1957 e tiveram 2 filhos, Isabel Cristina e Walter Jr. Falecendo-lhe a esposa, casou-se com Neide Satico Ito em março de 1970 e o casal tem agora 3 filhos.

O presidente Queiroz é formado pela Faculdade de Direito de Varginha e na Igreja já serviu como: presidente de ramo, bispo, sumo conse-

lheiro, conselheiro de presidente de missão e de presidente de estaca.

A irmã Queiroz nasceu em São Paulo, sendo seus pais Liyoschi e Cereja Ito. Na Igreja, serviu como professora do Seminário, conselheira da presidente da Sociedade de Socorro, conselheira da presidente da Primária, professora do curso de aperfeiçoamento didático, Secretária das Moças da Estaca, Presidente da Primária da Ala e coordenadora da Escola Dominical Júnior da ala.

O irmão Harry Eduardo Klein, nascido a 19 de novembro de 1948, em São Paulo, é no momento, conselheiro do presidente da Missão Brasil-São Paulo Sul. É casado com Maria José Moreira Cezar e o casal tem um filho. O irmão Klein batizou-se na Igreja, como converso, no dia 11 de março de 1961, em São Paulo. Recebeu seu diploma universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas e é administrador associado de área dos seminários e institutos do Sistema Educacional da Igreja.

O novo presidente foi missionário na antiga Missão Brasil Norte, em 1969-71 e serviu posteriormente como conselheiro de bispo, sumo conselheiro, presidente do Comitê Missionário da Visitação e Dedicação do Templo, oficiante no templo e conselheiro de presidente da missão.

A irmã Klein nasceu em São Paulo, filha de Delfino Moreira Cezar e Maria Januária. Foi professora da Primária e da Sociedade de Socorro, conselheira da presidente da Primária, consultora da Organização das Moças e Presidente da Primária.

DOIS BRASILEIROS CHAMADOS PARA PRESIDENTES DE MISSÃO

(continuação da pág. 45)

Procurado pela reportagem, o irmão Walter Guedes de Queiroz declarou—

"Este chamado foi uma grande surpresa para mim e para minha família. Creio que qualquer pessoa, ao receber um chamado de grande responsabilidade, reage e sente da mesma forma: nervoso, preocupado, até insignificante. Ao terminarmos a entrevista telefônica com o Presidente Kimball, no dia 25 de janeiro (dia que será sempre lembrado como um marco em nossa vida) choramos emocionados, sentindo-nos meio no ar...

Nossos pensamentos precisaram de alguns dias ainda para se ajustarem, até nos acostumarmos com a idéia de presidir uma missão. Oramos muito e jejuamos também, para nos qualificarmos, e temos sentido o Senhor conosco. Ele nos tem dado a esperança, ou melhor, a certeza de que dando o melhor de nós e com a ajuda e inspiração dele,seremos bem sucedidos. O Presidente Kimball tem-nos pedido que alarguemos nossos passos e o meu desejo maior, no momento, é poder atender a esse pedido como presidente de uma missão. Considero a construção do Templo de São Paulo uma bênção inestimável e acredito que é um poderoso instrumento missionário.

Sinto-me humilde diante da tarefa, mas plenamente confiante no auxílio do Senhor e com ele poderemos alcançar as metas que nos propusermos. Sei que esta é a Igreja de Jesus Cristo e que ele a dirige do alto."

Ouvimos também as impressões do irmão Harry Klein.

"Para mim, a coisa mais importante neste mundo é a Igreja; é servir a Deus e guardar os seus mandamentos. De modo que este chamado para servir como presidente de missão veio de encontro a um velho anseio de meu coração: voltar ao campo missionário.

Descobri na missão que o Senhor é o melhor patrão que existe, o único que jamais deixará de pagar um salário justo, de acordo com o nosso merecimento. Minha esposa e eu temos um desejo sincero de servir aos irmãos com todo nosso empenho, poder, força, mente e coração. Sei que quanto mais difícil o trabalho, maior é a nossa alegria ao realizá-lo."

O editor d'A Liahona convidou o irmão Klein a transmitir uma mensagem aos leitores da revista:

"Minha mensagem é esta: devemos guardar os mandamentos, servir a Deus, cuidar de nossas famílias, sem esquecer que o principal chamado de um homem, a maior liderança que ele pode exercer é como pai em Israel. Ser um presidente de missão é um chamado importante mas ser um pai é muito mais. Quero dizer que tenho um testemunho desta Igreja, tenho fé em Deus, sei que ele vive e que responde as nossas orações. Sei que esta é a verdadeira Igreja e que temos um profeta vivo que fala com Deus".

Em nome de A Liahona desejamos o maior sucesso aos novos presidentes de missão e colocamos ao seu dispor, as páginas da revista.

Nove Missões recém-criadas

A Primeira Presidência anunciou a criação de mais nove missões que são as seguintes: Connecticut Hartford, Mississippi Jackson (nos Estados Unidos); Porto Rico — San Juan, Venezuela Maracaibo, Brasil Recife, Chile, Viña del Mar, Coréia Seul Oeste, Filipinas Cidade Queson e Taiwan Taichung.

A missão Brasil Recife foi criada pela divisão da Missão Brasil Rio de Janeiro, a qual ficou com os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, com uma população de 25 milhões de não-membros e 8.970 membros. As estacas Rio de Janeiro Brasil e Rio de Janeiro Niterói estão nessa região.

A missão Brasil Recife compreende toda a área ao norte e nordeste dos estados da Missão Brasil Rio de Janeiro e tem uma população de 35 milhões de não-membros e 2.630 membros.

Suspensas duas reuniões sacramentais

A Primeira Presidência e o Conselho dos Doze autorizaram a suspensão das reuniões sacramentais nos domingos de conferência de estaca.

Em "Mensagens" n.º 31, de 16 de fevereiro de 1979, enviada da sede geral da Igreja aos presidentes de estaca, missão e distrito bem como aos bispos e presidentes de ramo, lê-se o seguinte:

"A Primeira Presidência autorizou, a partir de agora, a não realização das reuniões sacramentais nos domingos de conferência de estaca."

Falecimento da Irmã Romney

No dia 9 de março de 1979, na Cidade do Lago Salgado, faleceu a irmã Ida Jensen Romney, com 88 anos de idade, esposa do Presidente Marion G. Romney da Primeira Presidência.

Os serviços religiosos do seu funeral foram realizados no dia 12 de março e o Presidente Spencer W. Kimball, sua esposa Camilla e John K. Edmunds, cunhado do Presidente Romney foram os oradores.

A Irmã Kimball disse: "Todos sentiremos falta de Ida, mas o pesar é aliviado pela certeza de que a veremos novamente... Não há preocupações pelo seu futuro, pois ela sempre lutou pelo bem... e a eternidade com o Pai Celestial é uma certeza para ela."

A irmã Romney nasceu em Levan, Utah, a 16 de outubro de 1890 e seus pais foram Charles e Lettie C. Jensen. Lecionou em escolas de Idaho e Utah e também no Ricks College e na Universidade de Brigham Young antes de casar-se.

Conheceu o presidente Romney quando ensinava inglês no Ricks College. Casaram-se no templo de Salt Lake em 12 de setembro de 1924, depois de ele ter voltado da missão na Austrália. Ela soube enfrentar com coragem os sofrimentos da vida, como quando perdeu seu filho nati-morto e sua única filha, Janet, que morreu aos 5 anos de idade. Sister Romney sempre acompanhou seu esposo em suas viagens pelo mundo, e será sempre lembrada pela sua bondade, fé e exemplo de mãe e esposa. Era musicista e serviu em várias organizações da Igreja por mais de 50 anos.

PORTUGAL RECEBE A VISITA DE ÉLDER FAUST

Presidente Allen K. Coryell e esposa da "Missão Portugal-Lisboa" recepcionam Élder James E. Faust e a irmã Ruth Faust, no Aeroporto.

Recebemos carta da Missão Portugal Lisboa informando que "pela primeira vez desde a dedicação da terra lusitana à pregação do evangelho por Élder Monson, em 1974", aquela missão teve a oportunidade de receber, no dia 27 de fevereiro próximo passado, a visita de um apóstolo do Senhor Élder James E. Faust, o mais novo integrante do Conselho dos Doze e o primeiro apóstolo em todos os templos a falar a nossa língua, foi recebido em Lisboa com grande alegria e carinho, por membros de todas as partes do país, os quais se dirigiram à capital portuguesa especialmente para vê-lo e ouvi-lo.

O apóstolo, que viajava acompanhado da esposa, voltava de uma visita à Terra Santa, sugerida pelo Presidente Kimball, pois, "segundo ele, todos os apóstolos devem passar pelos lugares por onde Cristo andou."

Dirigindo-se aos portugueses, Élder Faust lembrou suas experiências como missionário e Autoridade Geral no Brasil, salientando a responsabilidade dos jovens de língua portuguesa para com as demais nações que falam nossa língua, como os países da África e Ásia.

A irmã Faust também dirigiu-se à congregação tendo como intérprete um dos missionários da missão, o Élder Glenn Paulo Bangerter, filho do Élder Bangerter, muito conhecido entre brasileiros e portugueses.

Nossos irmãos portugueses vibraram de emoção com os testemunhos prestados pelo apóstolo e por sua esposa, e pelo amor e espiritualidade que deles sentiram irradiar.

SERVIÇO

PREPARAÇÃO E INSPIRAÇÃO

Élder Paul H. Dunn

Há, geralmente, três espécies de trabalhadores dentro da Igreja, usando-se preparação e não-preparação para classificá-los. Uns sentem que a investidura mental e a capacidade com as quais foram abençoados é tudo de que precisam para desincumbir-se de suas responsabilidades. Preparam-se sem nenhuma idéia de ajuda divina.

Outra parte deixa tudo a cargo do Senhor, o que em geral significa confiar no impulso do momento, e que freqüentemente é mal interpretado como inspiração. Resolvem colocar todos os seus problemas nas mãos do Senhor, com a esperança e a expectativa de que assim serão resolvidos.

Nenhuma destas atitudes é adequada. A primeira é auto-suficiência. Exalta os recursos humanos, o que é recomendável, mas não dá ao Espírito do Senhor oportunidade de trabalhar com o homem, uma vez que este se julga independente. A segunda atitude é de completa dependência. Exalta os recursos de Deus, o que é muito louvável, mas não permite oportunidade alguma de crescer e desenvolver-se individualmente, já que o indivíduo se sente tão sem valor e incapaz.

Os terceiros (que deveriam ser o nosso exemplo) demonstram como um relacionamento com Deus pode ser adquirido. Esses indivíduos têm grande respeito por seus recursos e aptidões, mas percebem que o Espírito de Deus é necessário para aumentar suas próprias habilidades. Freqüentemente ouvimos que duas pessoas podem fazer qualquer coisa, quando uma delas é o Senhor.

O líder que trabalha com o Senhor notará que, quando aceita o chamado de servir, não irá realizar seu próprio trabalho, mas, ajudar a Deus no trabalho dele.